

4

CAM82

Zona Palatina

1F 2F 3B 3F 4A

4B 4Q 5A 5B 5C

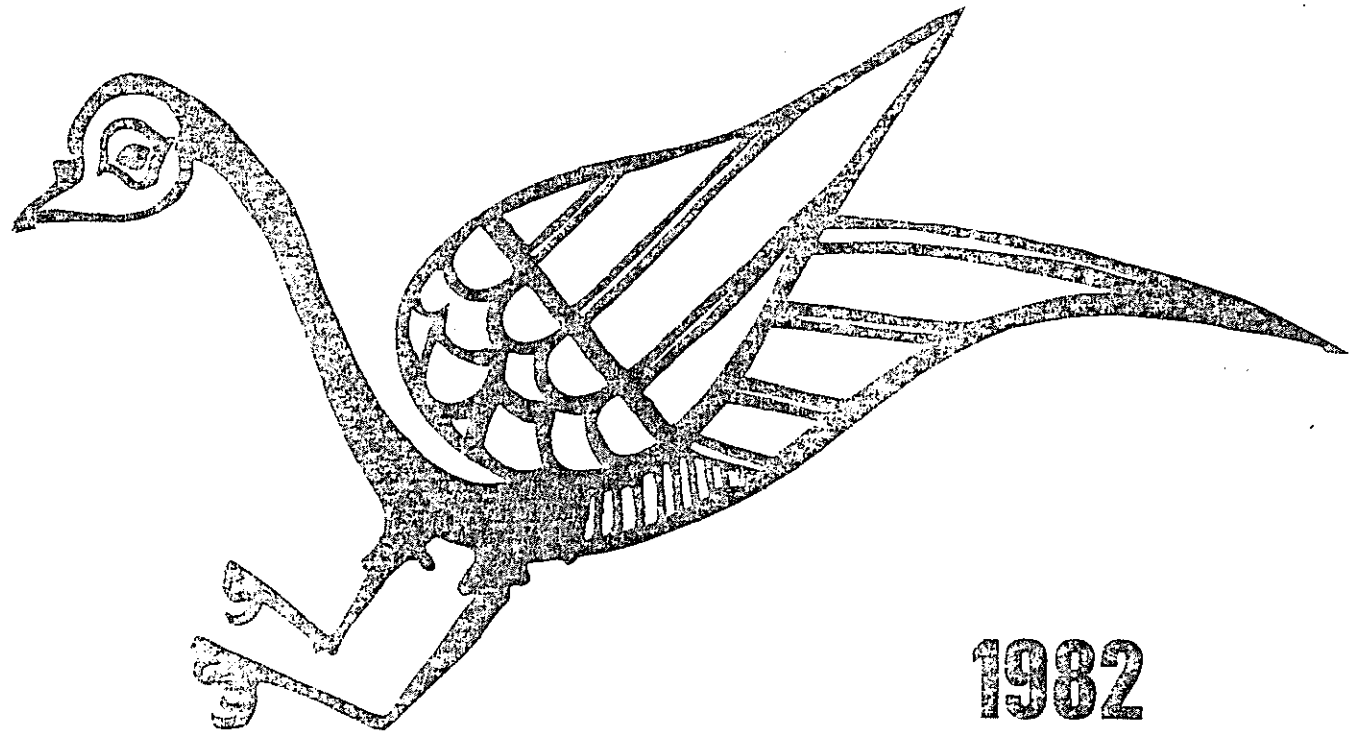
5Q 6A 6B 6C 6Q

Galeria A

E

(Corpos 7a, b, c e 8)

MÉRTOLA **1982**



1982

CANPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Balanço e projecto de investigação

I

De um modo geral a historiografia moderna, esgotada a exegese dos textos e discursos literários, procura novos caminhos de informação, mergulha cada vez mais fundo em novas fontes. Na historiografia da arte, mastigados e digeridos que foram todos os museus, musas e demiurgos do romantismo, gastos e roçados os volumes-invólucros do formalismo psicologista, resta-nos aproximar os olhos do objecto, não só para lhe meter o bisturi, mas para lhe restituir a sua envolveria histórico-sociológica. Por isso a arqueologia, o arqueologismo, não é uma moda passageira. E muito menos a arqueologia medieval e urbana que, além de intervir num espaço cuja estratigrafia coincide com a totalidade civilizacional dos últimos milénios da história das comunidades humanas, interfere necessariamente no quotidiano dos seus habitantes actuais.

Se tivermos em conta que as comunidades urbanas, principalmente mediterrânicas, souberam organizar-se em estruturas habitacionais que, de uma forma ou de outra, se mantiveram até aos nossos dias: se compreendermos que estas unidades urbanas foram (são) utilizadas por classes sociais diferentes - por vezes antagónicas - cada uma das quais se organiza em bairros-zonas de características e funções pouco coincidentes - não podemos hoje, em qualquer intervenção arqueológica, escamotear a presença dos seus habitantes, daqueles que, utilizando estes espaços, são os verdadeiros detentores do seu património-memória colectiva.

Sem perder de vista estes vectores que consideramos programáticos, no nosso trabalho de Mértola procuramos delimitar duas grandes zonas de intervenção: além das actividades ligadas às áreas de escavação arqueológica propriamente dita, desenvolvemos um esforço simultâneo de levantamento, acção cultural e recuperação integrada. Desta forma tem sido sensível uma aproximação entre os interesses da população e os objectivos dos investigadores (arqueólogos) - obrigados a novas formas de relacionamento - estando a ser modificada na prática a concepção do Museu-Templo através de um processo colectivo de valorização de toda a validade histórica representada não só pelo grande-monumento-obra-de-arte, como também pelo humilde objecto do quotidiano - a rua, o poial, o falar, a canção.

II

Os nossos trabalhos arqueológicos foram iniciados no Verão de 1978 na 'Galeria A', subterrâneo atulhado de 52 m. de comprimento, 2,5 m. de largura e 5,5 m. de altura. Só em finais de 1982 demos por terminada esta zona de escavação.

Em análise provisória dos dados que possuímos, fazemos do seguinte modo a história desta enorme construção: sobre estruturas anteriores apenas previsíveis (nesta zona, o amuralhamento romano cessava alguns metros mais abaixo) provavelmente durante o séc. IV d.C. foi levantada uma grande plataforma artificial para sustentar construções de tipo áulico. No seu extremo norte, esta plataforma assenta na Galeria A que, depois de ter desempenhado as funções habituais dos criptopórticos, em data difícil de determinar, foi adaptada a cisterna, tendo sido como tal utilizada até muito perto da conquista da cidade pelos cavaleiros de Santisazo. Esta zona palatina será então definitivamente abandonada em favor do Castelejo onde dominava

a nova alcáçova-convento. As ruínas do antigo palácio pas-
sam a ser utilizadas como necrópole.

A análise estratigráfica das camadas de entulho da Galeria A, para além de nos ter mostrado os locais de entrada e a forma do atulhamento, permite estabelecer um faseamento inverso em relação aos estratos da zona palatina sobrepostas, mas bastante elucidativo no que diz respei-
to às primeiras camadas de abandono, em que uma série de esqueletos humanos nos contam trágicos episódios ligados possivelmente aos acontecimentos que, em meados do século XIII, modificaram definitivamente a história deste antigo porto de ligação ao Mediterrâneo.

Quanto à zona palatina, em escavação simultânea à da Galeria A, ainda é cedo para compreender toda a complexidade da sua estrutura arquitectónica. Por aquilo que nos foi dado constatar, pensamos ter havido três fases de ocupação.

A primeira coincidiria com a construção da Galeria A, em que houve aparentemente um programa único para toda a plataforma palatina. Várias salas com paredes de boa alvenaria e pavimentos de mosaico: fórtico-colunata, dominando a paisagem sobre toda a Galeria A: salão de banhos com pia oitavada e placagem de mármore. Cremos que es-
tas estruturas foram utilizadas até ao século XI.

A segunda ocupação pressupõe já uma incompreen-
são das construções anteriores, paredes mais estreitas e sem arizmassa; algum revestimento a estuque assente embar-
ro; telhados em que desaparece o uso da 'tégula'. Pensamos tratar-se de uma ocupação mais ou menos coincidente com a época do domínio dos impérios norte-africanos. É a altura em que a vila recebe nova cintura de muralhas e em que a antiga alcáçova se adapta a novas funções mais militariza-
das.

A terceira e última ocupação é muito pobre e cur-
ta, devendo estar ligada aos últimos anos de instabilidade

de que precederam a instalação dos espetários.

Todos os muros e pavimentos destes três níveis de ocupação estão perturbados pelos enterros dos sé-
culos XIV, XV e XVI.

Quanto ao espólio retirado desta área da alcáçova e principalmente da Galeria A, podemos dividi-lo em três grandes conjuntos: a cerâmica - a esmagadora maioria; metais, predominantemente ferros e bronzes; vidros e pequen-
os objectos de osso. Do ponto vista cronológico, estas centenas de milhar de fragmentos provêm, na sua grande mai-
oria, de um período compreendido entre o século II e a pri-
meira metade do século XIII, sendo quase inexistente, ou extremamente fragmentado, o espólio anterior ao período ca-
lifal. Apesar disso - ou melhor, precisamente por isso, te-
mos de admitir a hipótese de continuidade habitacional na utilização do palácio desde o século IV ao século XI: as provas materiais do quotidiano só prevalecem no local se este foi abandonado. No século XI o primeiro abandono é confirmado pela análise estratigráfica.

III

Delineado em 1978 e iniciado, efectivamente, em 1979, o projecto de investigação arqueológico-histórico da equipa do C.A.N. distinguia, essencialmente, 3 (três) fases fundamentais - em que o início de uma não implica, em determinados aspectos, necessariamente, a conclusão da an-
terior, havendo antes uma certa simultaneidade e continui-
dade - obedecendo cada uma delas a metodologias de trabalho muito próprias, de acordo com objectivos concretos e pressupostos teóricos específicos:

- 1) Localização, levantamento e avaliação dos locais de maior potencialidade arqueológica;
- 2) Abertura das primeiras quadrículas e montagem das estruturas elementares de apoio necessá-
ri-

as a trabalhos de carácter científico;

3) Alargamento das áreas escavadas e início dos estudos de análise das estruturas postas a descoberto e dos materiais recolhidos tendo em vista a sua posterior classificação e interpretação.

Em 1982, transpostas na generalidade as primeiras fases, estamos a desenvolver a última, tendo já estebelecido as modalidades, possíveis nesta fase do processo, de elaboração de uma síntese histórico-arqueológica, não só sob a forma de publicação, como de exposição documental.

Debruçando-nos agora sobre os dois aspectos que revestem maior importância no que respeita ao desenvolvimento da investigação no sentido de serem obtidas respostas significativas para as questões teóricas que orientam, ao nível do conhecimento histórico, a nossa pesquisa - a escavação e a análise dos materiais recolhidos e dos documentos em fase de catalogação - serão, em traços gerais, as seguintes directrices a seguir:

A) ESCAVAÇÃO

Concluída, em área previamente determinada, a 'escavação vertical' que permitiu a definição e classificação das várias fases, períodos e níveis de ocupação encontrados, passaremos à abertura sucessiva em extensão total do primeiro ao último nível arqueológico - 'escavação horizontal' para assim podermos, mais concretamente, fazer uma leitura interpretativa, nomeadamente em termos de funcionalidade e divisão espacial.

B) MATERIAL

Finalizados os estudos prévios no que respeita à nomenclatura/terminologia a utilizar e à metodologia a seguir no estudo do espólio re-

colhido, passaremos à sua classificação tipológica/cronológica.

Neste momento, o processo encontra-se mais adiantado no campo da cerâmica em relação ao qual, completada a terminologia, iniciará-se o trabalho de investigação de formas e técnicas decorativas bem como o estudo das técnicas de fabrico (pastas, cozaduras, etc...) e de decoração.

IV

O trabalho de antropometria realizado com os vestígios osteológicos encontrados nas necrópoles escavadas permitirá, posteriormente, a elaboração de um estudo de antropologia física e social da população local em vários períodos.

O projecto desenvolve-se em quatro fases fundamentais conducentes aos objectivos propostos:

1) Apoio no levantamento das ossadas através de técnicas especializadas de escavação, consolidação, primeiro estudo e registo no terreno. Esta actuação é fundamental dada a fragilidade do material osteológico e das características do terreno.

2) Limpeza, consolidação e, caso necessário, restauro do material ósseo em laboratório.

3) Estudo das características antropológicas da população. Nesta fase proceder-se-á ao estudo antropométrico e à determinação dos vários índices de interesse antropológico, assim como ao diagnóstico e registo da patologia com repercussão esquelética.

4) Sistematização, tratamento e análise dos dados obtidos de modo a permitir a comparação com

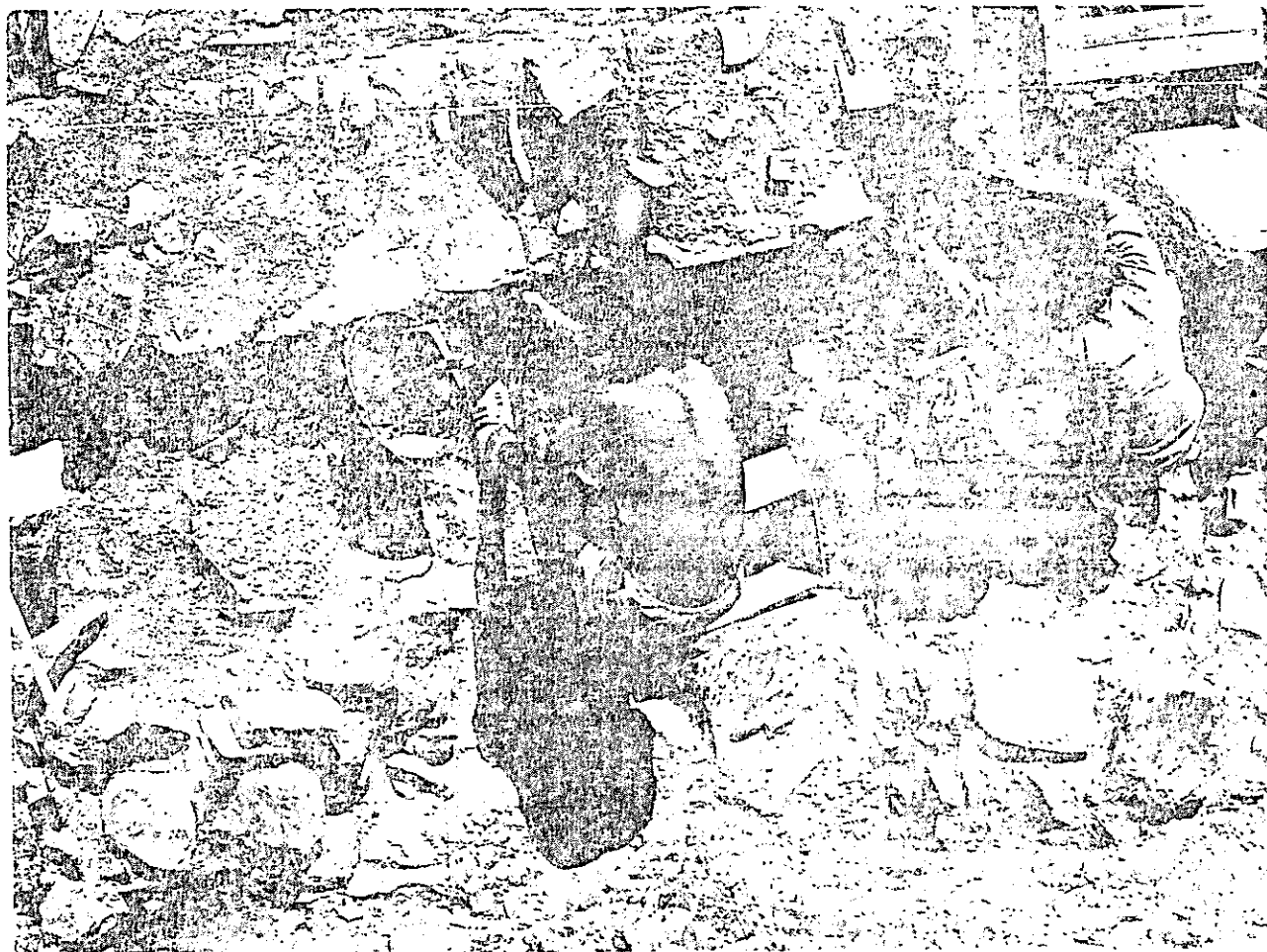
outras populações desse período já estudadas. Esta etapa só poderá ser atingida, evidentemente, quando os trabalhos arqueológicos tiverem recolhido uma amostragem de população passível de ser tratada estatisticamente.

Durante a campanha de 1962 o sector de antropologia física, de acordo com o projecto elaborado, procedeu ao levantamento arqueológico das sepulturas detectadas na necrópole da alcáçova.

Iniciou-se na Galeria A o levantamento dos corpos que se encontravam sobre o pavimento. Foram levantados nesta campanha de 1962 os corpos designados como 7a, 7b, 7c e o corpo 8.

A escavação e análise do espólio arqueológico e dos documentos escritos existentes (já fichados) completam-se mutuamente no sentido de aferirem os parâmetros do quadro cronológico, que se pretende traçar para que mais facilmente se possa compreender a trajectória histórica desta região, ou seja, quais os rudimentos, mecanismos e agentes que levaram Mérida do desenvolvimento à decadência.

CLÁUDIO TORRES
JORGE PUJICO VALENTE
JOSÉ CARLOS OLIVEIRA



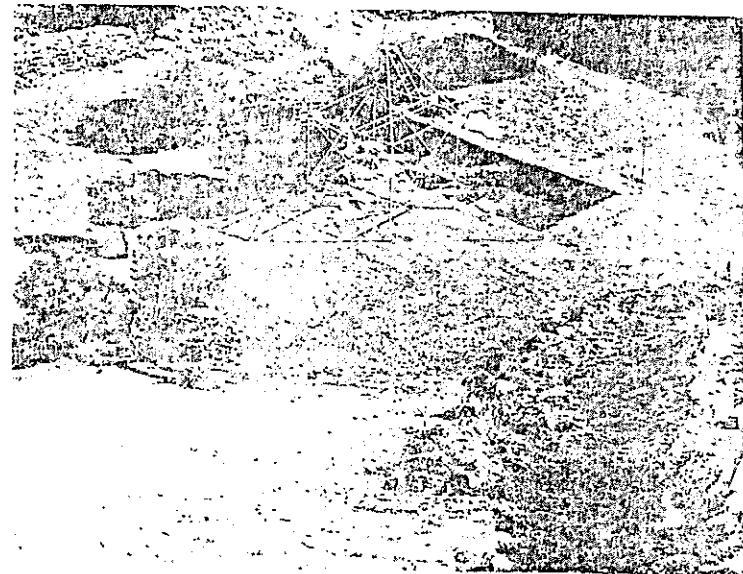
Durante o Verão de 1982, na Alcobaca, o cezanha desenvolveu-se ininterruptamente durante Julho, Agosto e Setembro, tendo nela participado as pescas vindas de fora do concelho, principalmente alunos da Faculdade de Letras.



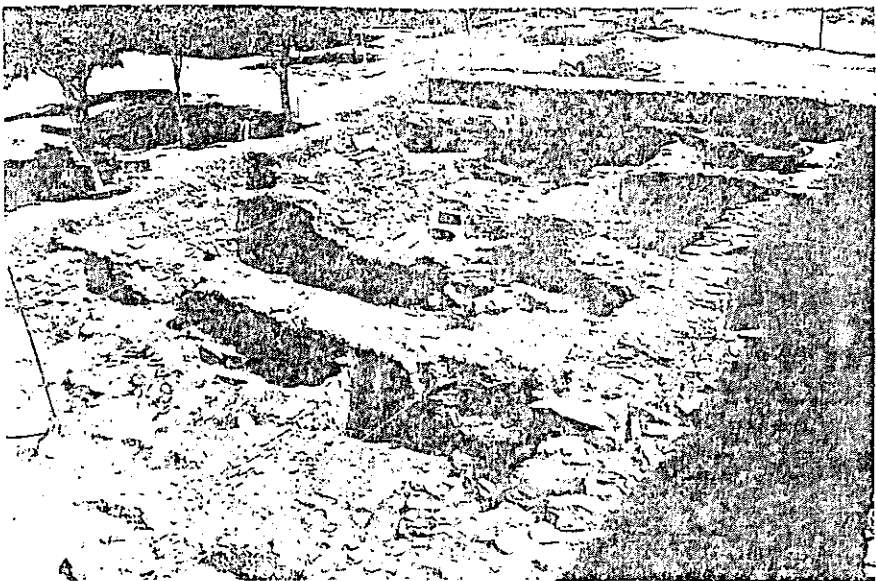
Entre os jovens que este ano desenvolveram importante trabalho no C.A.M., contam-se cerca de 100 inscritos nas C.T.L.



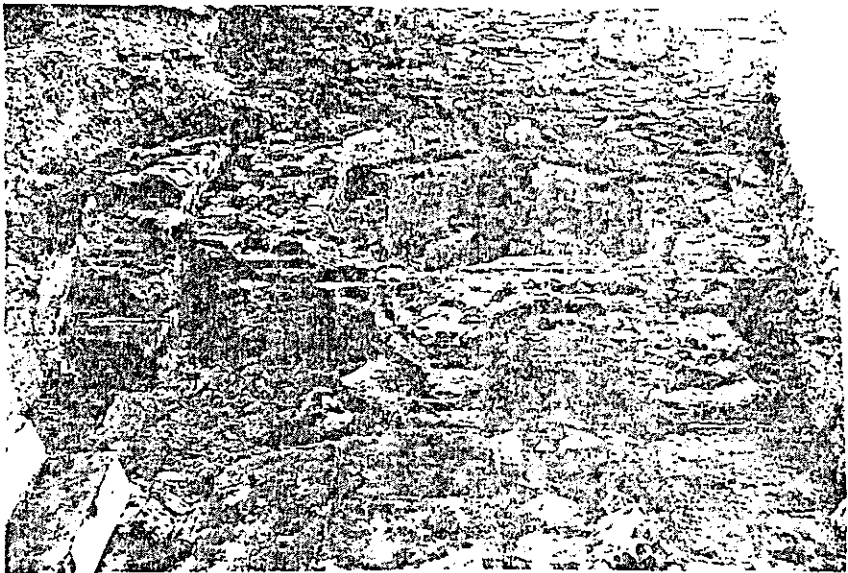
Quadrículas F-1, F-2 e F-3 no local da cantina de 1932. Vista para Norte.



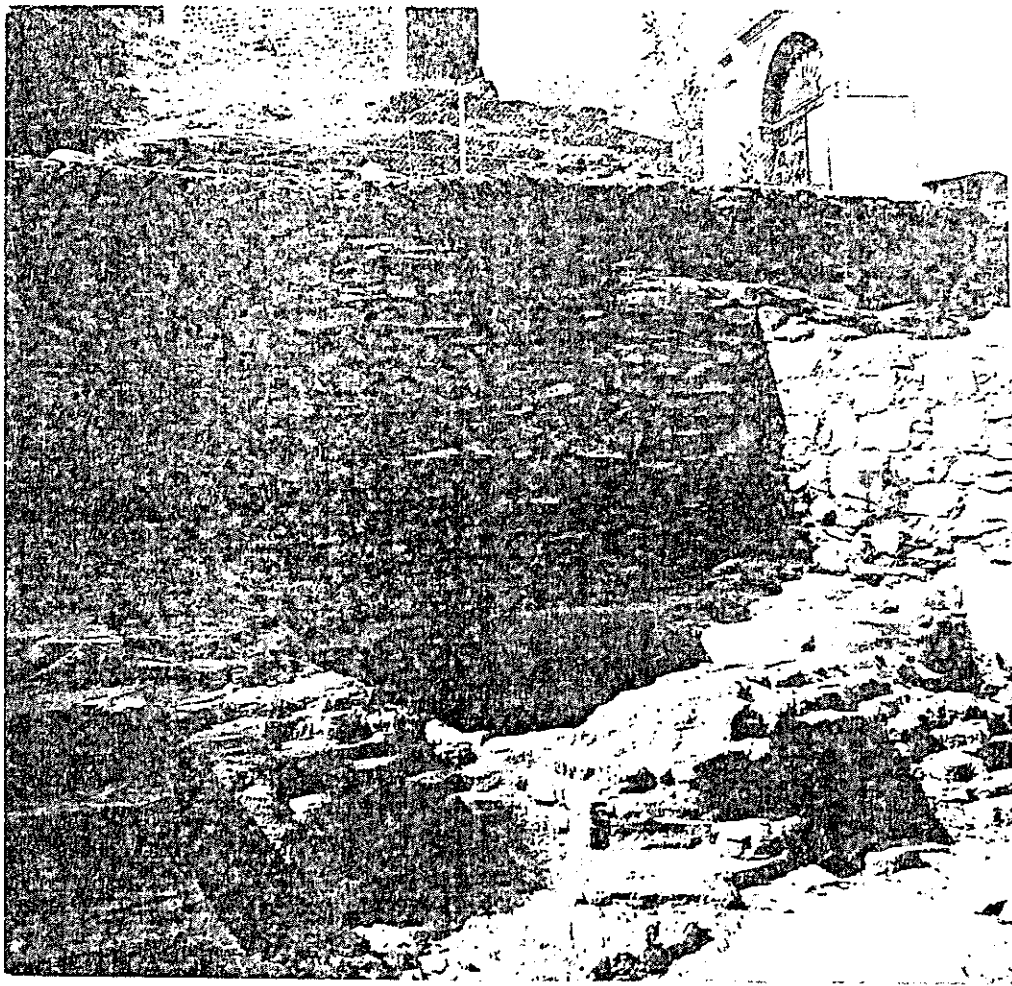
Quadrículas Q-4, Q-5 e Q-6 cuja decapagem começou este ano e onde já foi levantada a primeira camada de estruturas.



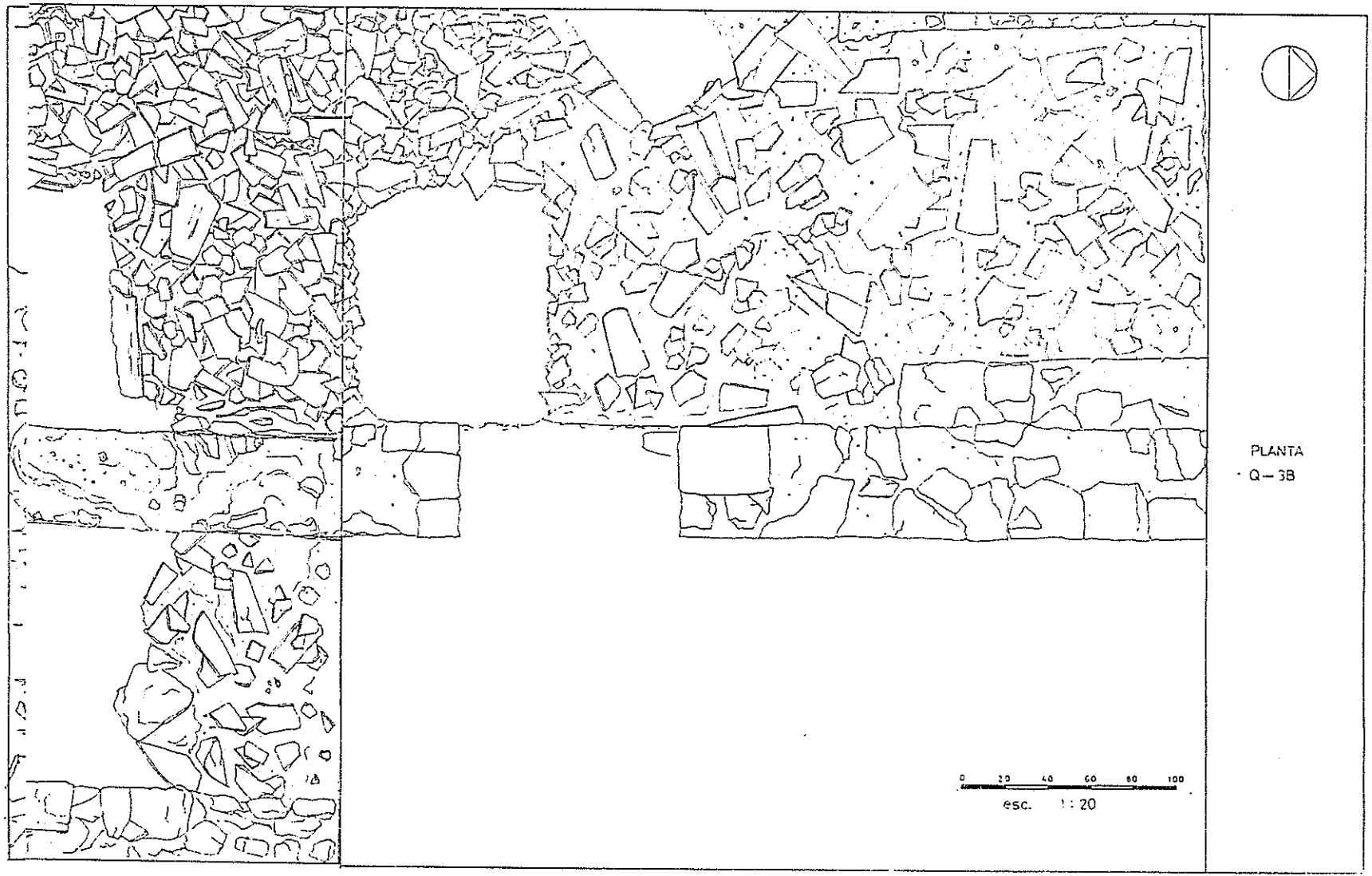
Conjunto de quadrículas A-4, A-5 e A-6; B-4, B-5 e B-6; C-5 e C-6. Vista para sudeste.

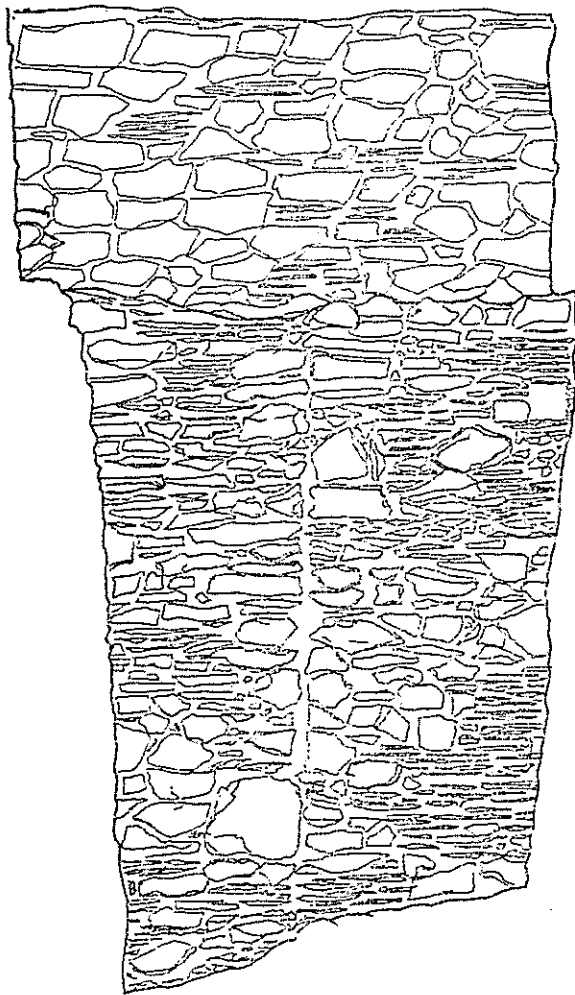


Instalações balneares (?) com pia vitrada onde
ainda se notam os restos do alarquem de mármore
que revestia pavimento e paredes.



Planta das quadriculas 33 e 43, revelando um telhado derrubado sobre o pavimento do segundo nível de ocupação





PERFIL E.
C-6R

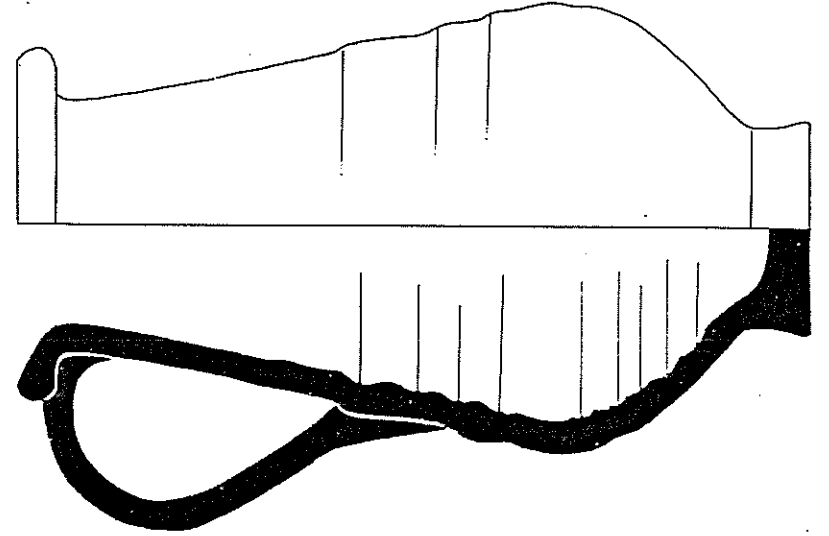
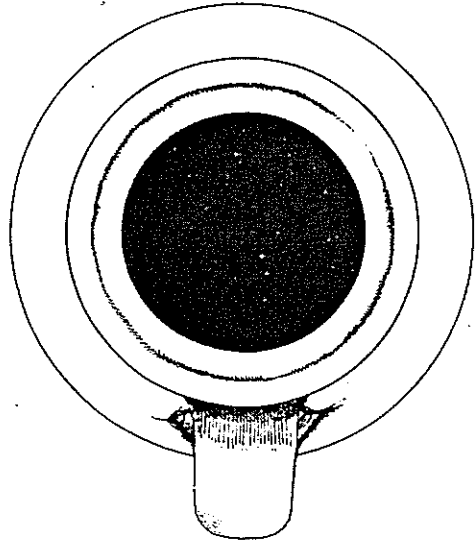


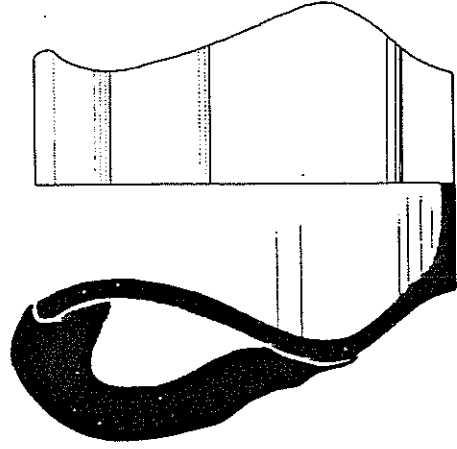
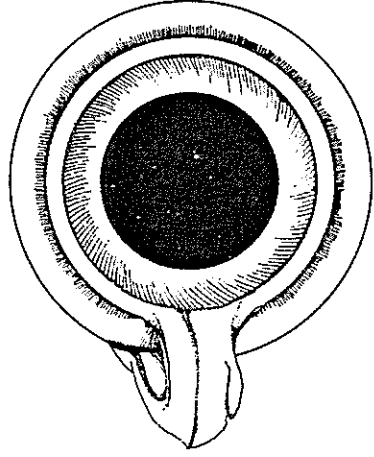
esc. 1:20

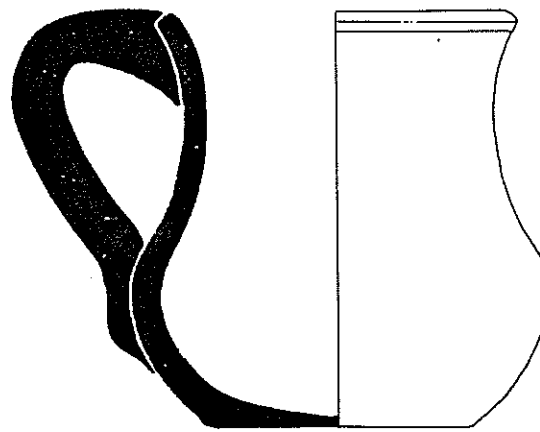
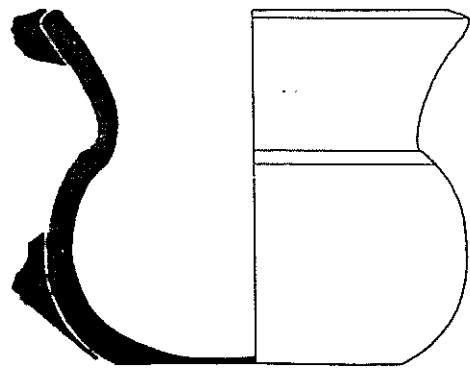
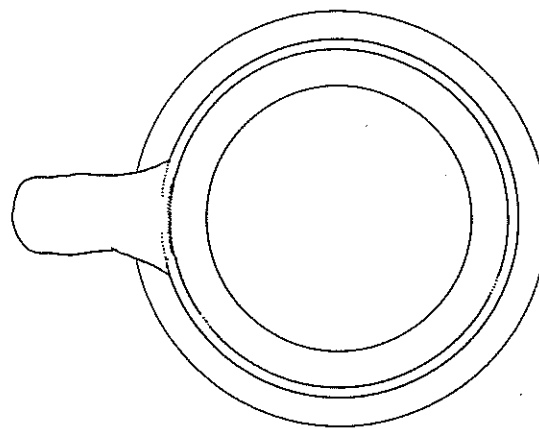
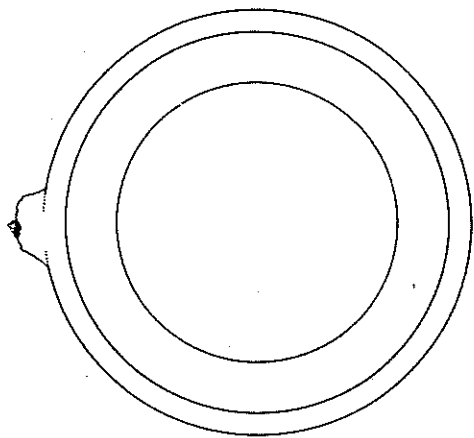
Perfil Este e Oeste da única sondagem efectuada nesta área da zona palatina até ao afloramento rochoso.

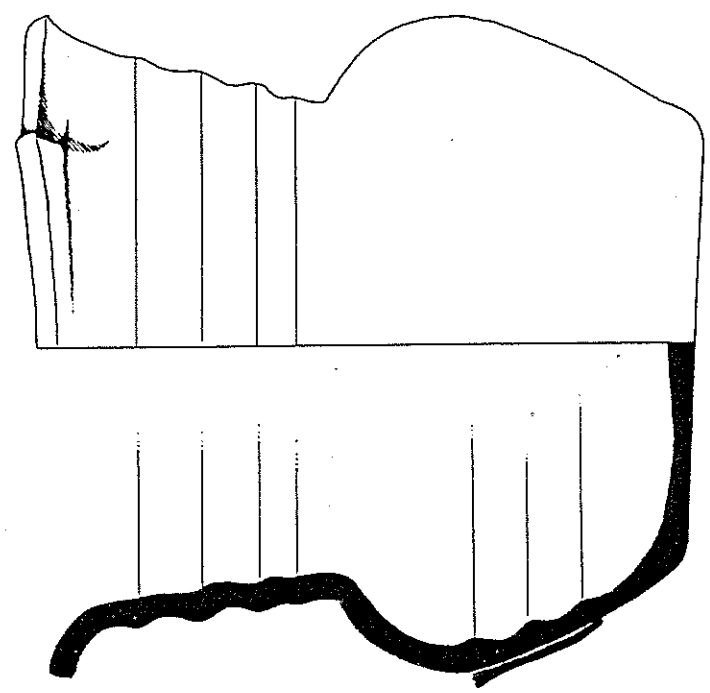
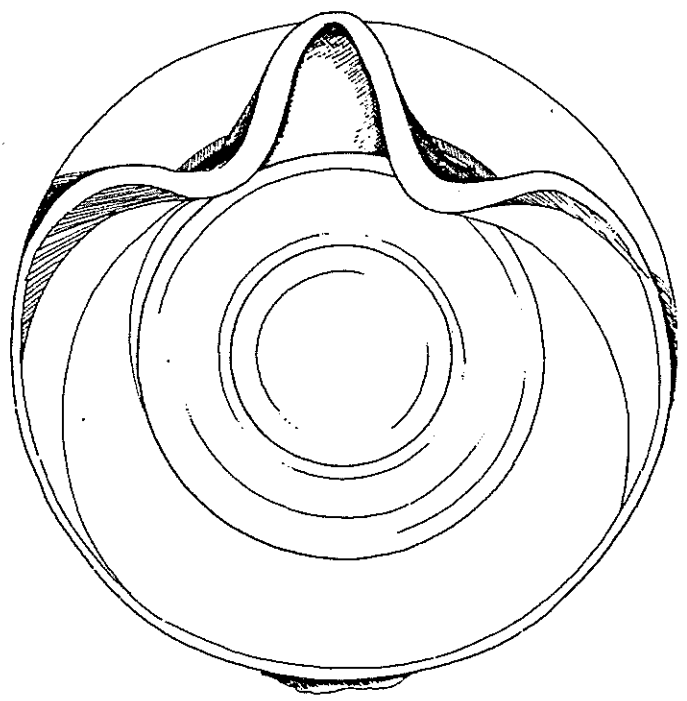
CONJUNTO DE PEÇAS CERÂMICAS ENXAMADAS DA GALERIA A
(à excepção das peças A e B)

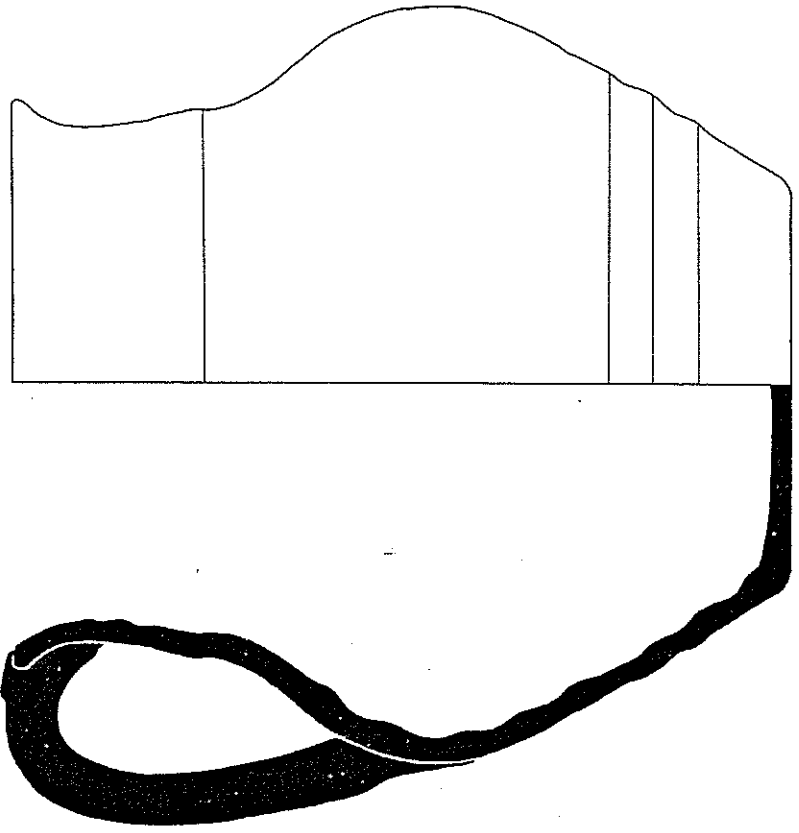
- A e B - Peças recolhidas fora do Campo Arqueológico e oferecidas ao Museu de Évora. Pasta amarelada, calcária.
- C e D - Vidros de pasta avermelhada e micéica de cozedura oxidante.
 E - Vidro de pasta escura e micéica de cozedura redutora.
 F - Espuma vítrea de pasta esbranquiçada calcária.
 G - Vidro de pasta de pasta escura resultante da cozedura redutora.
 H - Vidro de pasta esbranquiçada calcária.
 I - Vidro (?) de pasta avermelhada e vidragem plumbeífera; espuma de pasta esbranquiçada calcária.
 J - Vidro vítreo vidrado. Melado de antimónio com verdugão.
 K - Vidro de pasta clara; vidrado a antimónio com verdugão.
 L - Vidro de vidragem a antimónio e decoração a manganes.
 M - Vidro de pasta vidrada em "corda seca". As cores são o amarelo estanhífero, o melado de antimónio, o verde do cobre e o azul preto de manganês, este último utilizado nas cores de decoração cromática. Do ponto de vista decorativo a decoração da peça, embora já de tendência decorativa, mostra ainda antigas volutas fitomorfas de velha morfologia mediterrânica. O centro ostenta a figura nervosa de uma gazela, familiar a certos modelos orientais e com o Al Andalus atinge o seu apogeu durante o período. Embora de figuração geométrica tipicamente islâmica, cores de técnica decorativa ("corda seca") são anteriores ao século XI, consideramos esta peça muito dentro da coleção evorense, da época do apogeu artístico das primeiras taifas.
- N - Vidro em barro vermelho, micéico, com vidragem plumbeífera, bastante comum nas últimas camadas de ocupação da alcazova.
- O - Vidro de cerâmica clara com vidragem estanhífera. Esta forma generaliza-se a partir da segunda metade do século XV.

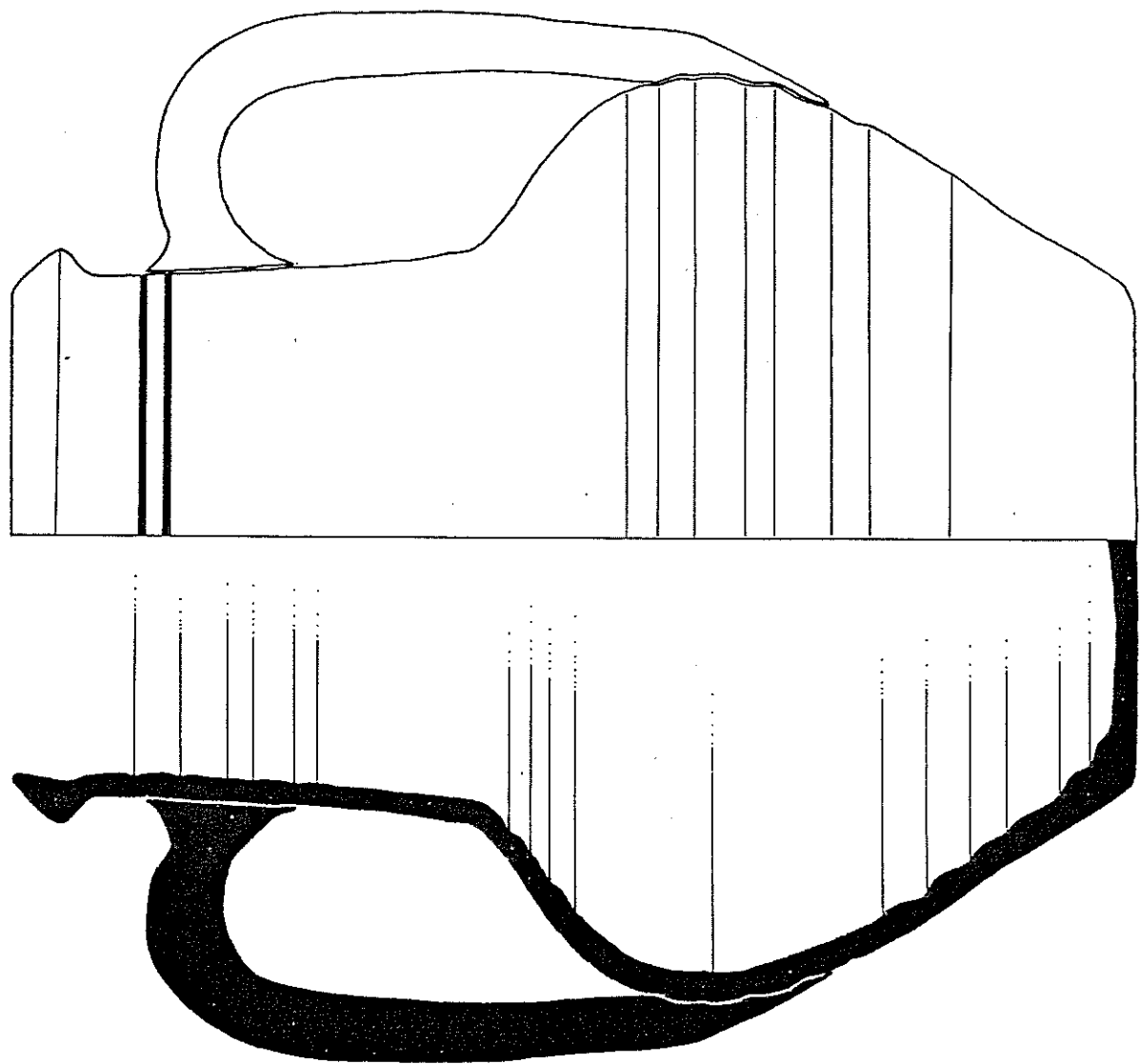


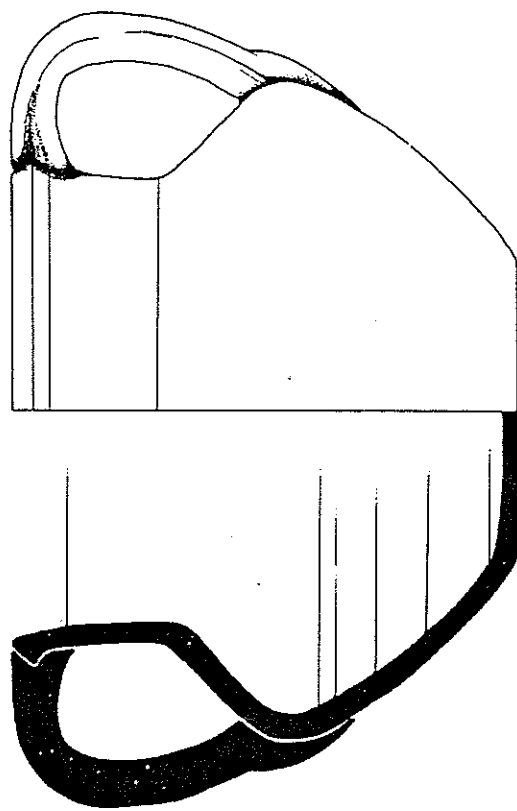
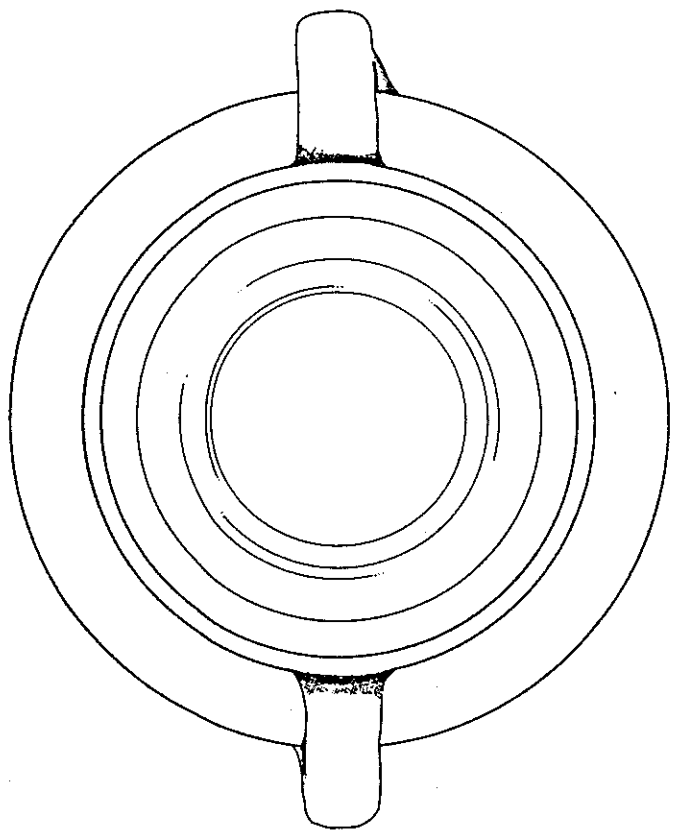


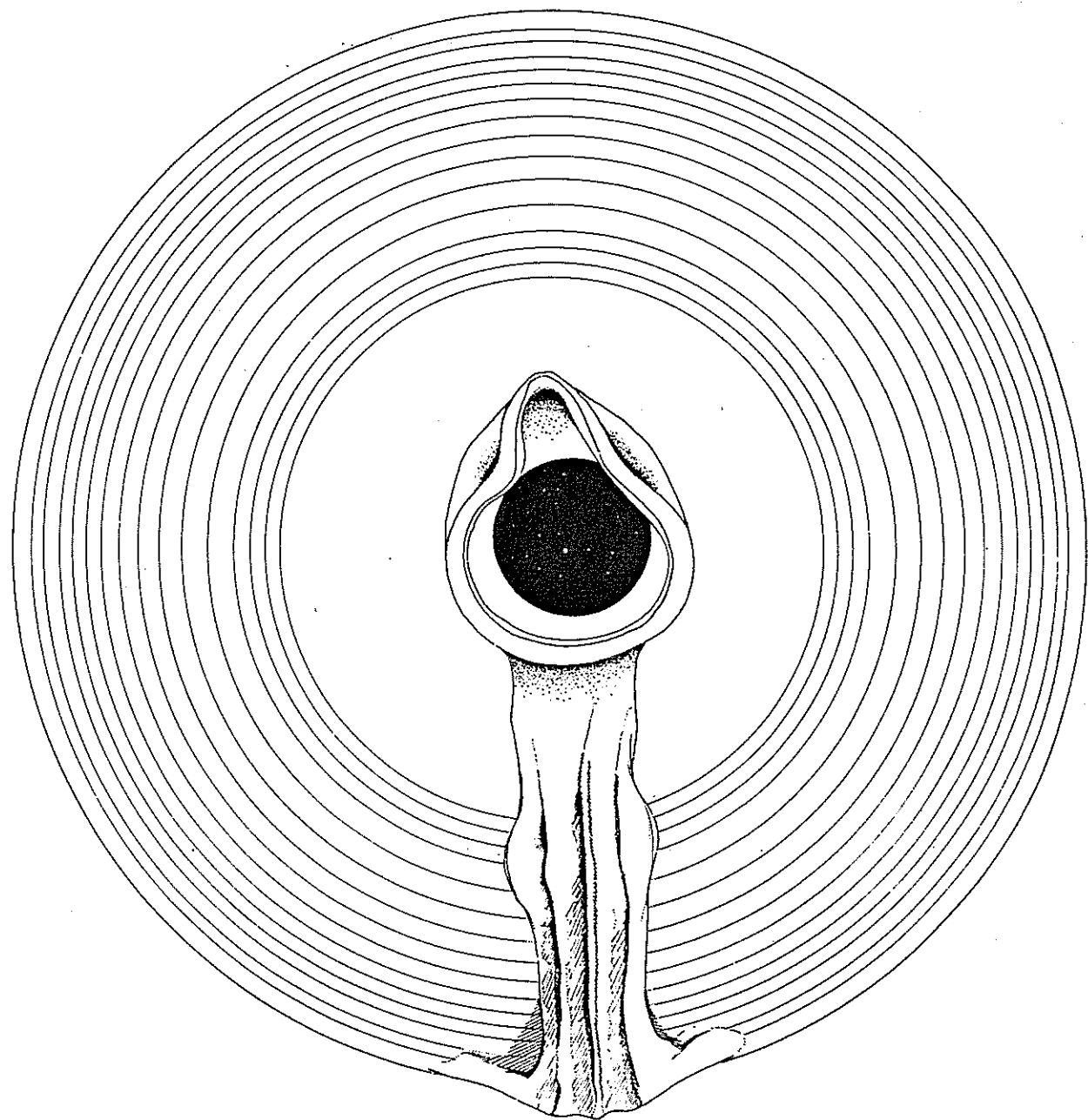


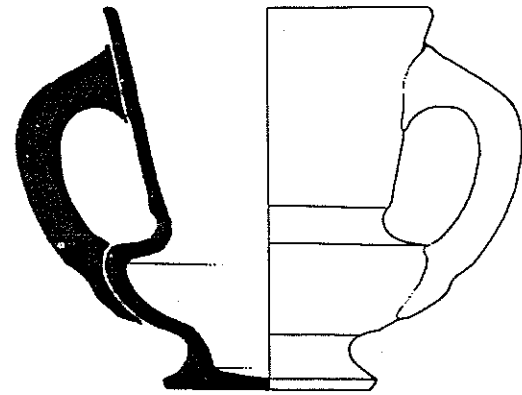
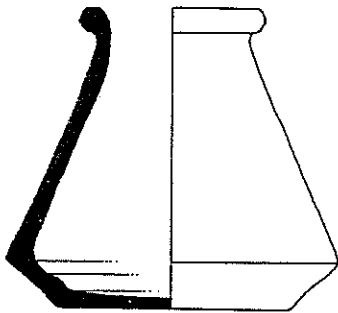
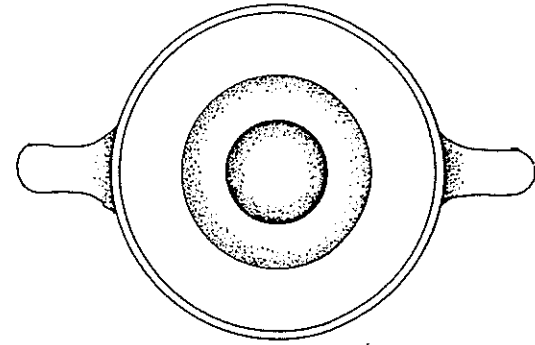
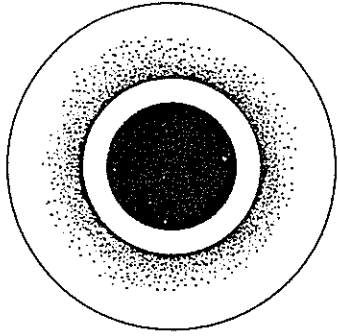


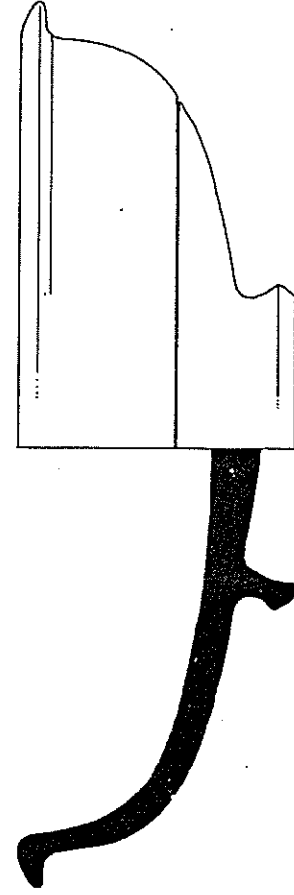
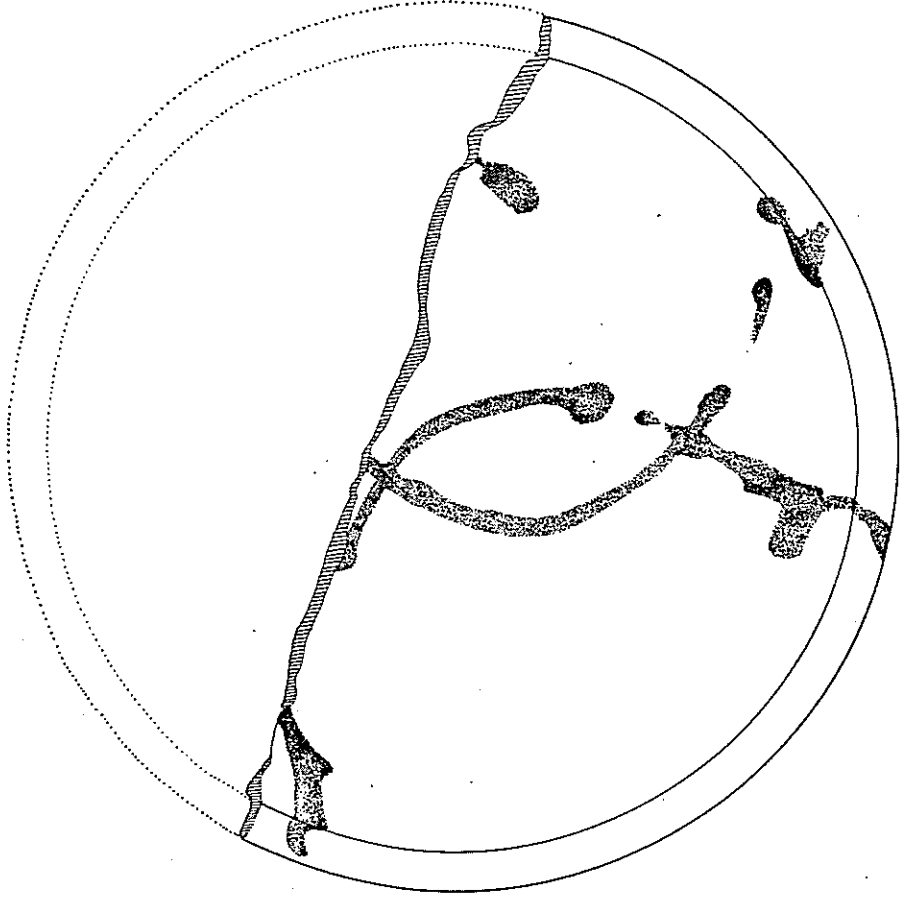


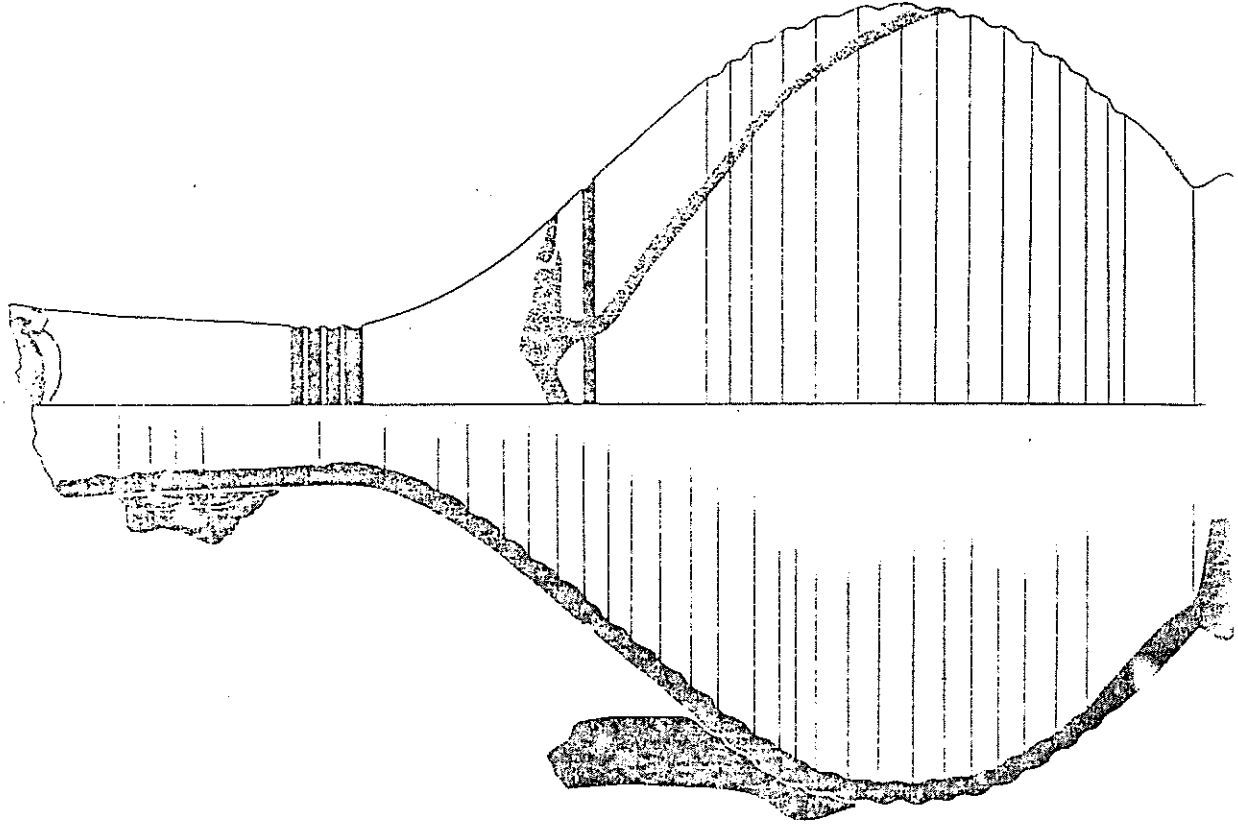
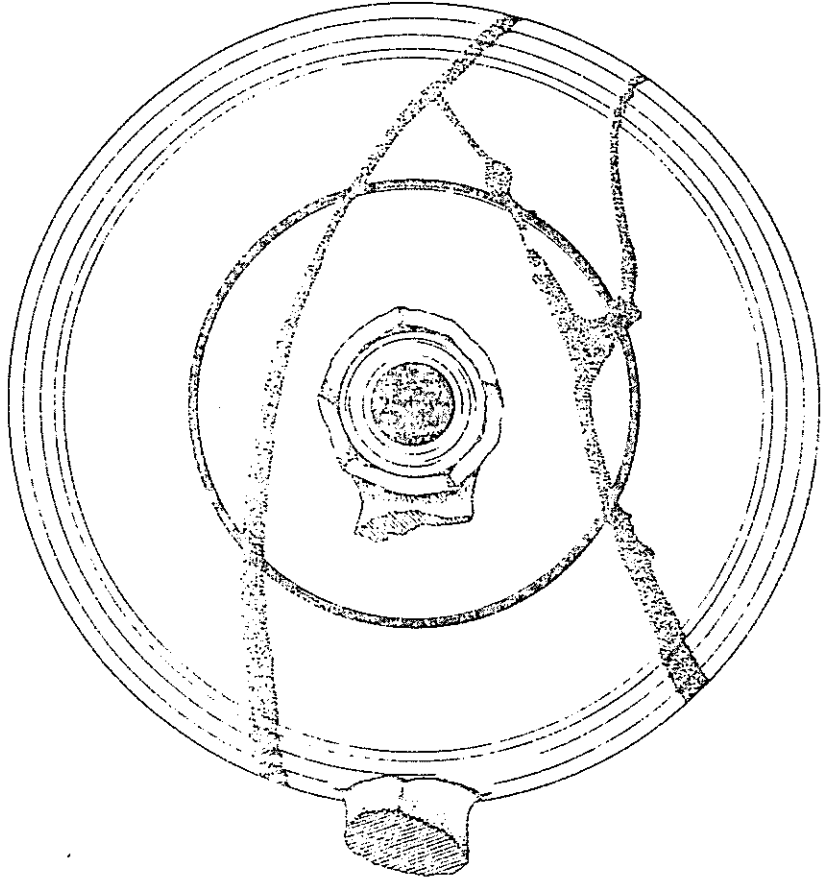




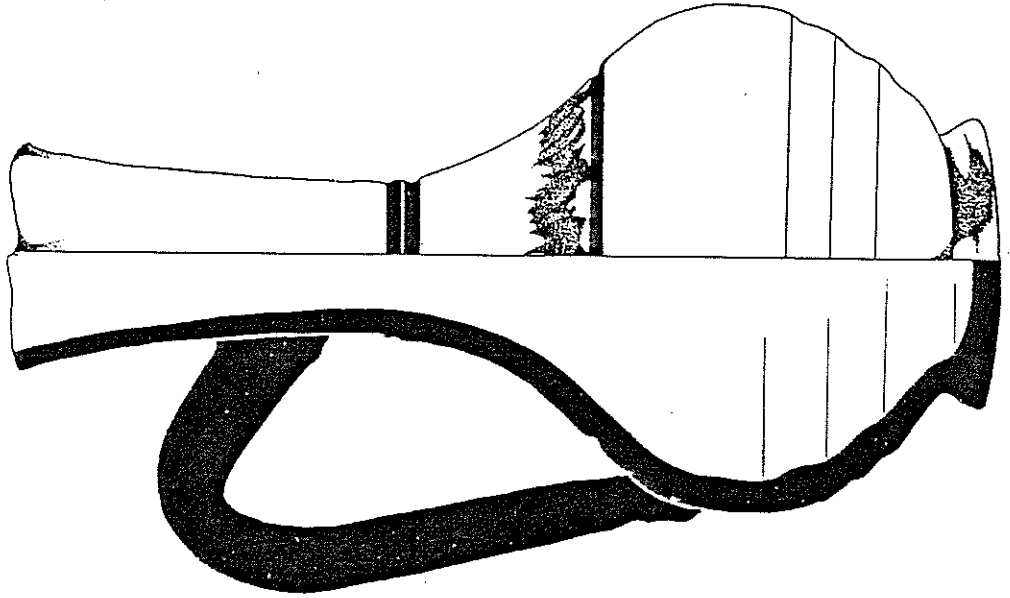
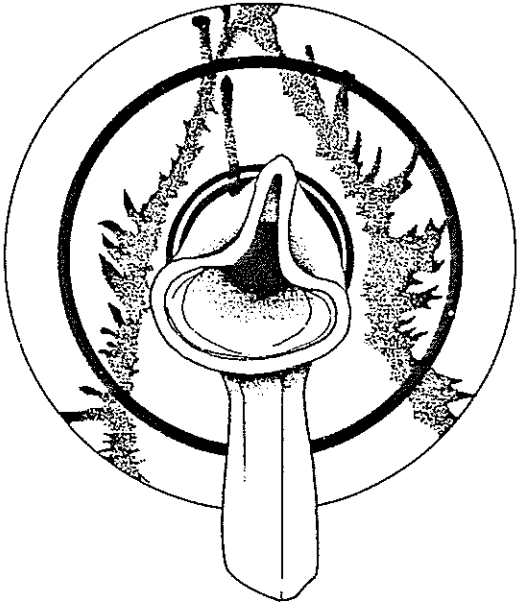


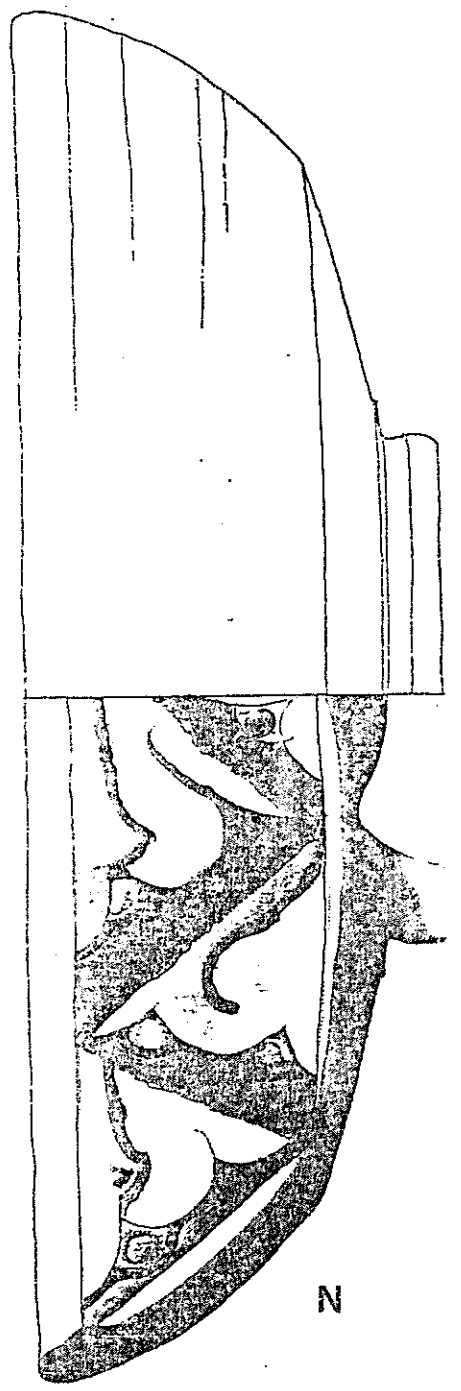






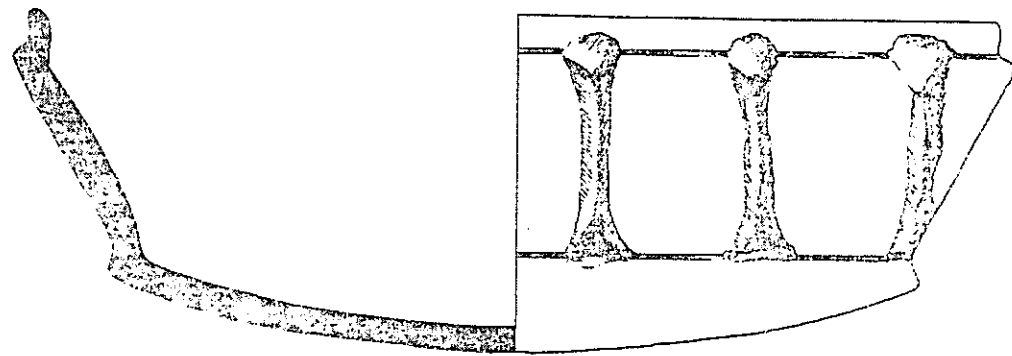
L

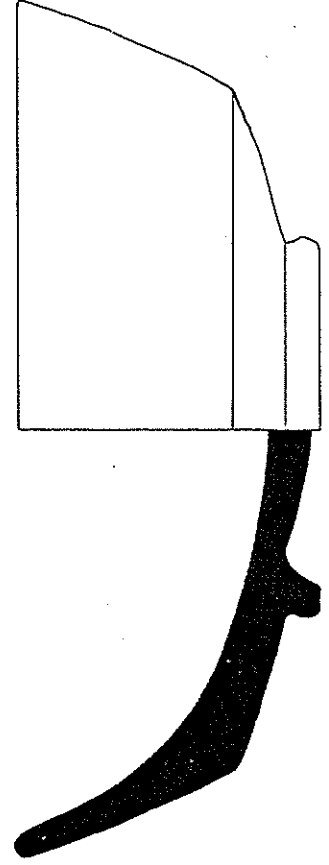
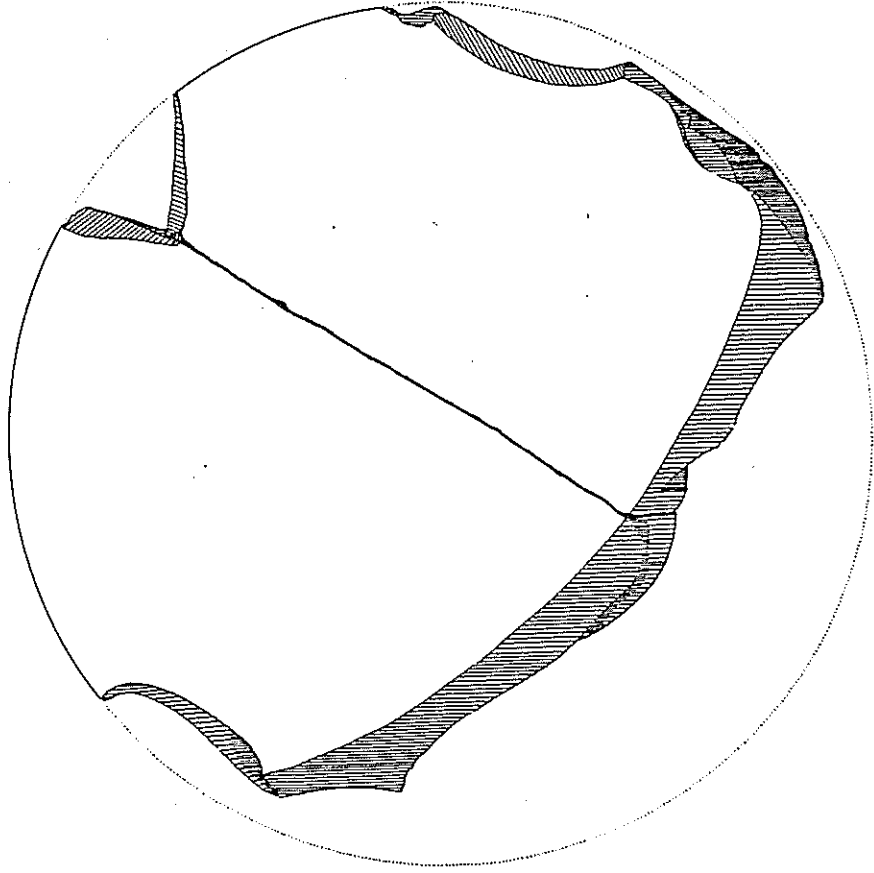




N

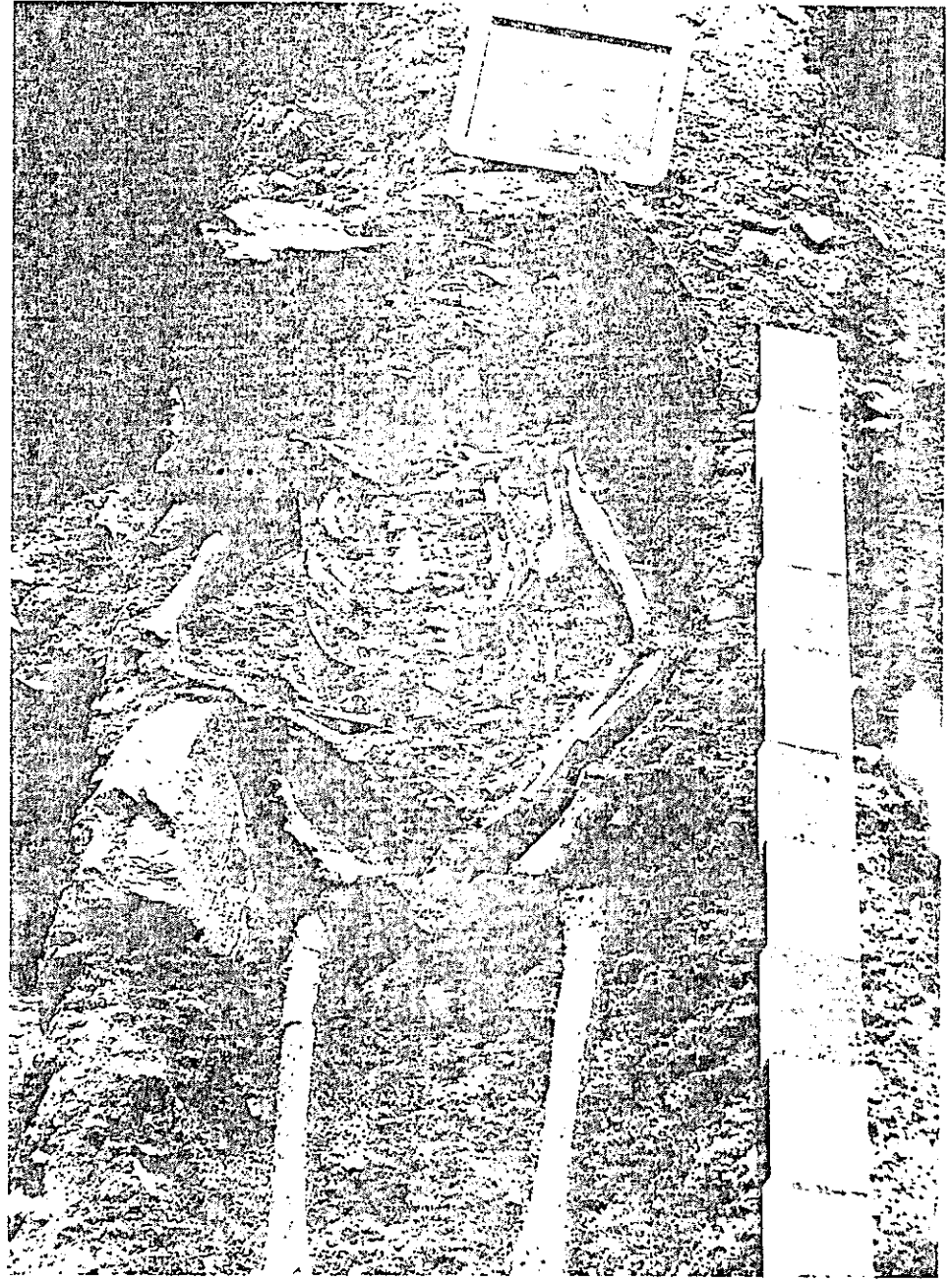
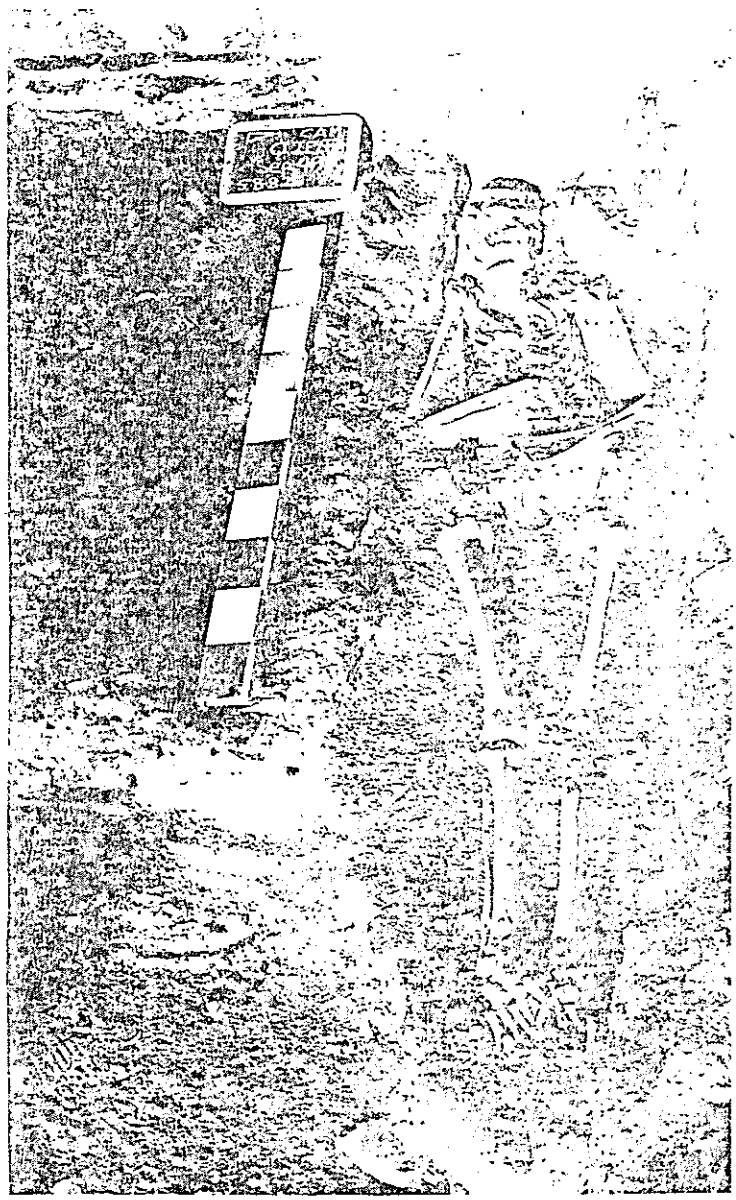
Vertical text on the left margin: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100





Na zona palatina a campanha de 1962 foi quase exclusivamente dedicada ao cuidadoso levantamento das sepulturas já assinaladas nos anos anteriores.

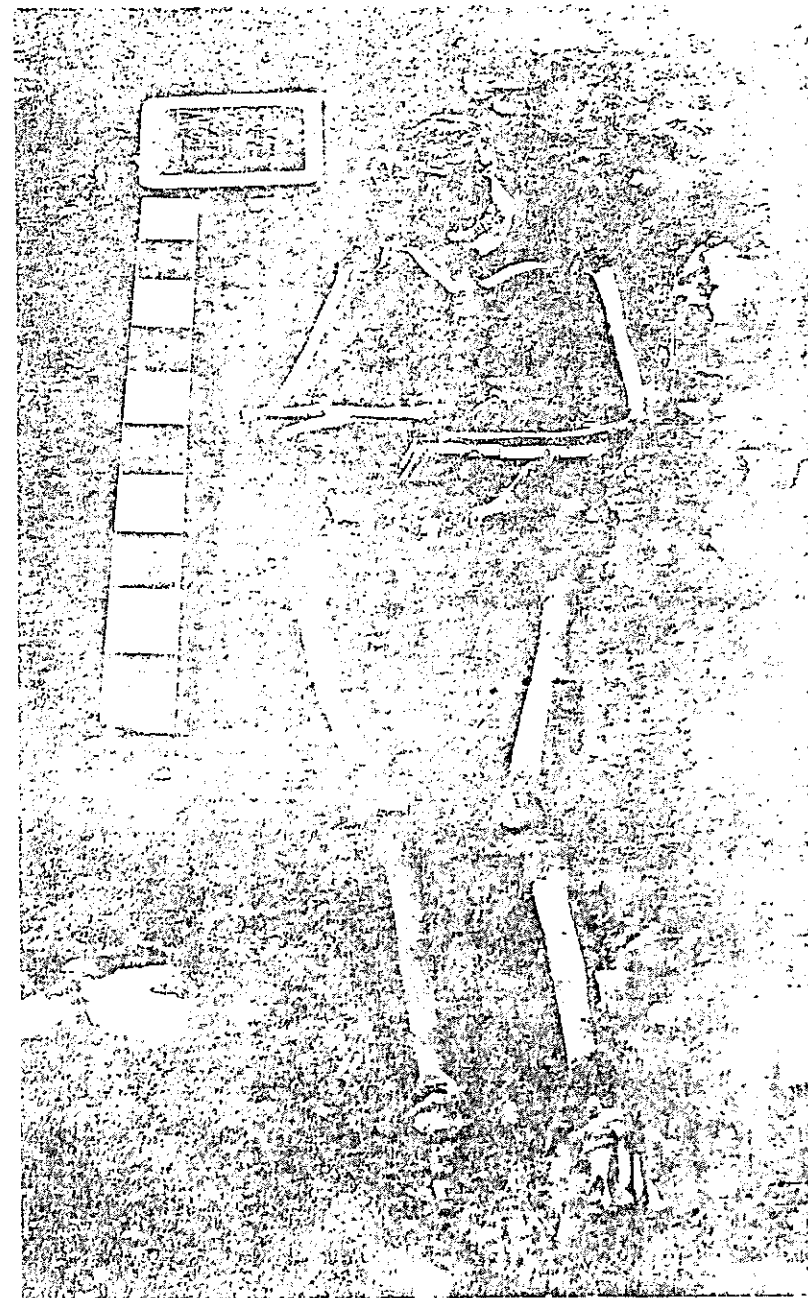


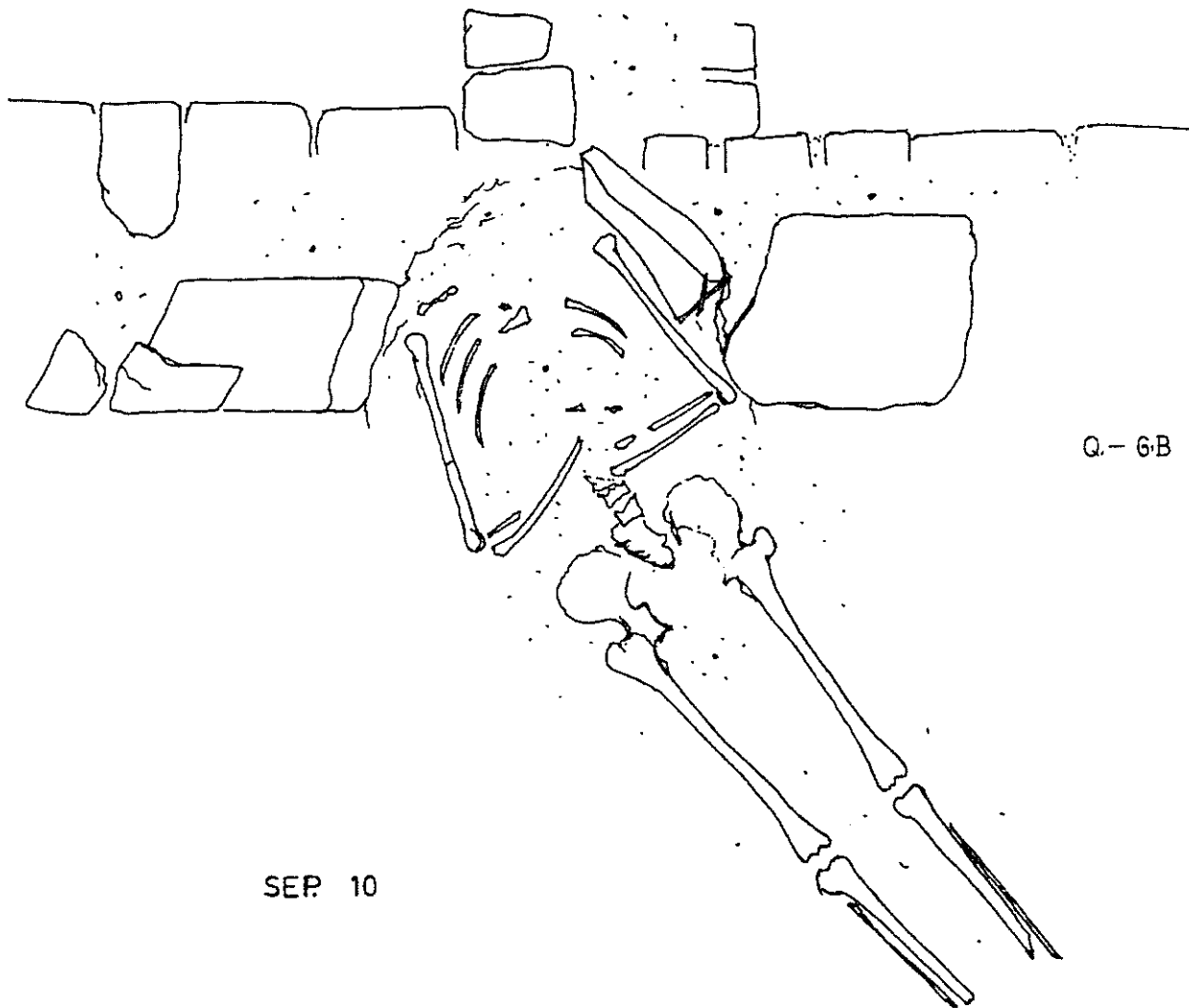


O seu péssimo estado de conservação obriga a uma consolidação simultânea à escavação, a um minucioso desenho e, por vezes, a medições ósseas 'in situ'.



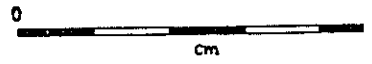
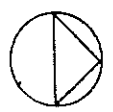
O material ósseo levantado vai ser analisado num pequeno laboratório onde se procede à limpeza, consolidação e medição de cada uma das partes do esqueleto.

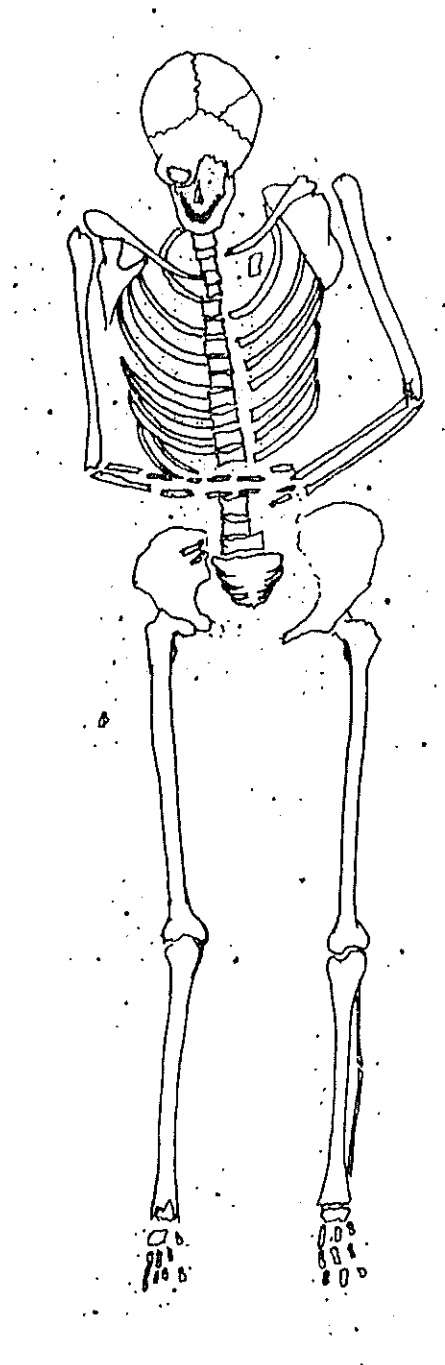
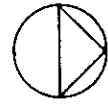




SEP 10

Q.- 6B

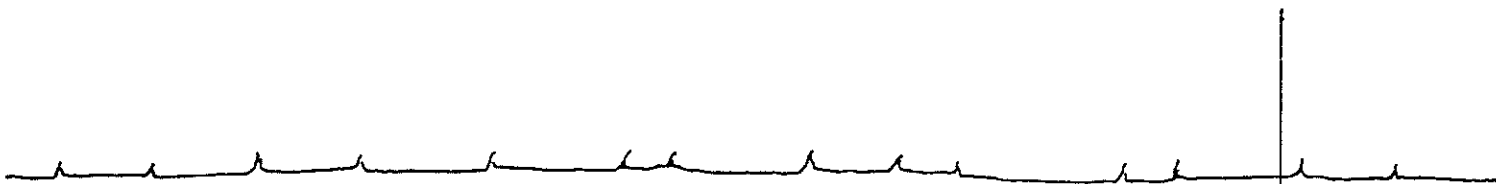
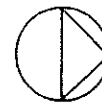




Q. - 1F

SEP. 11



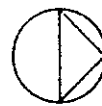
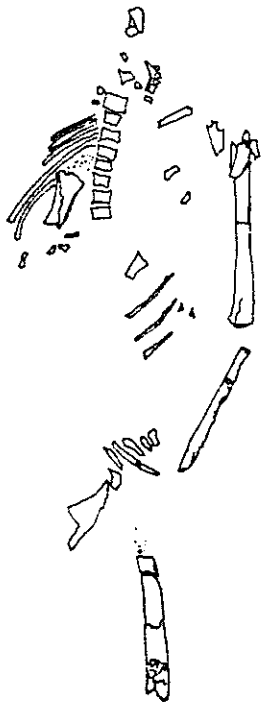


Q. - 5A

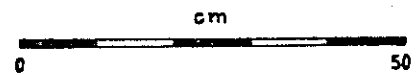


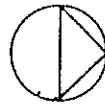
SEP 14





SEP 20

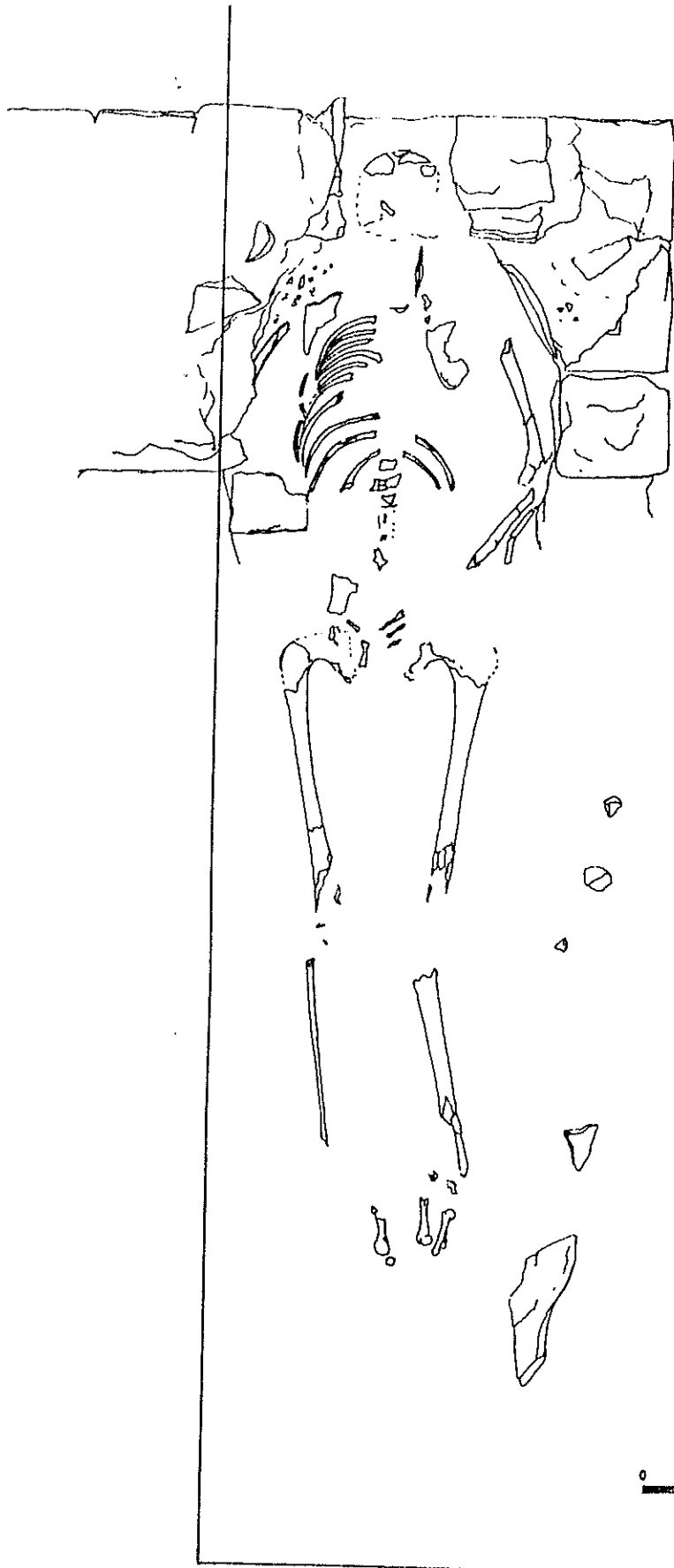
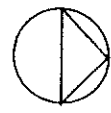




Q-6C
SEP 55

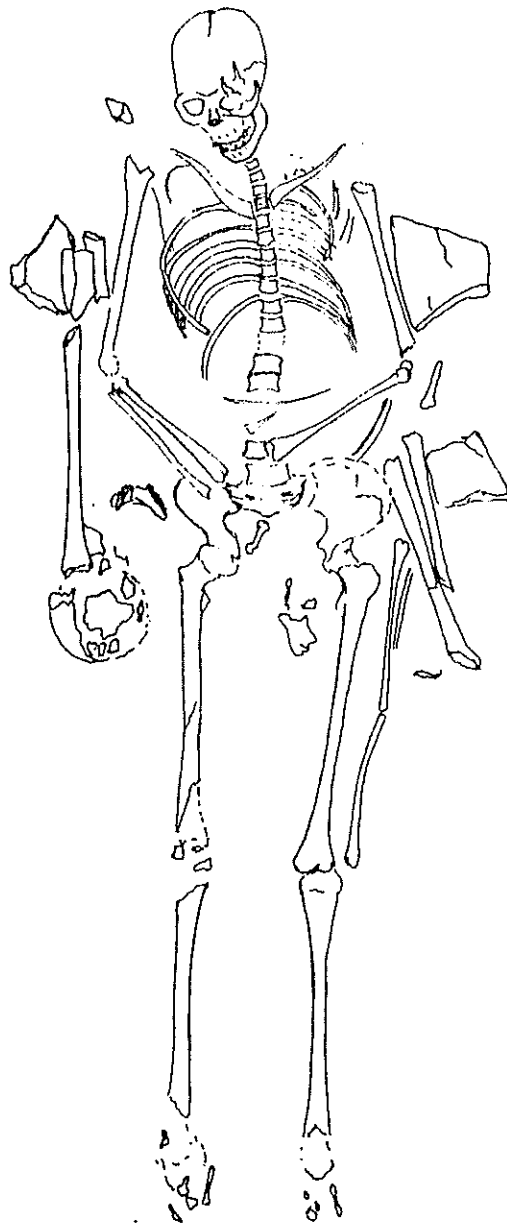
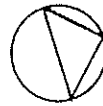
0 10 20 30 40 50

esc. 1:10



Q-3B
SEP. 56

0 10 20 30 40 50
esc. 1:10



Qⁿ-4 5 e 6Q

SER. 61

0 10 20 30 40 50

esc. 1:10

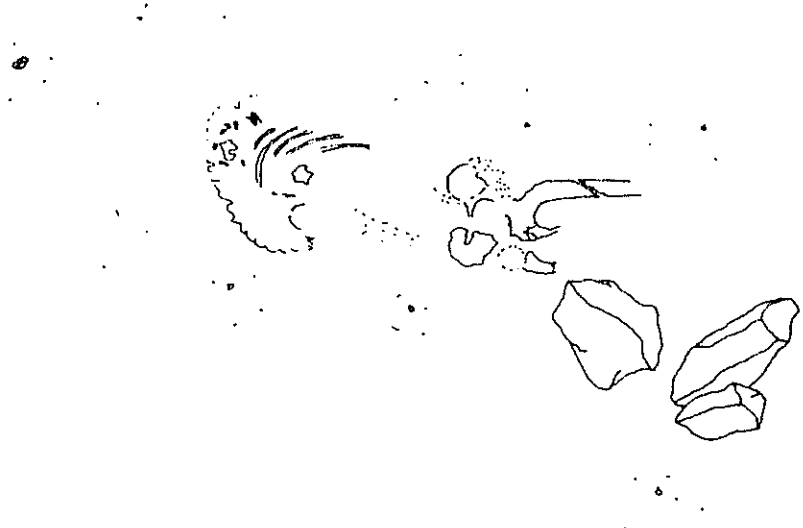
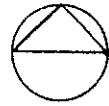


Qⁿ-4,5,6Q

SER. 63



esc. 1:10

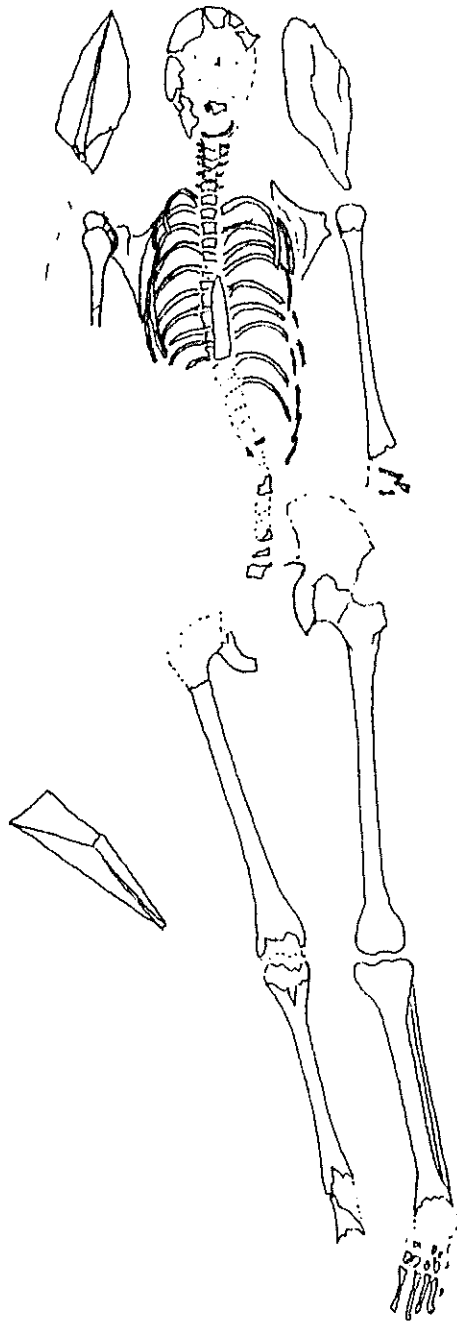


Qⁿ- 4,5 e 6Q

SER 64



esc. 1:10

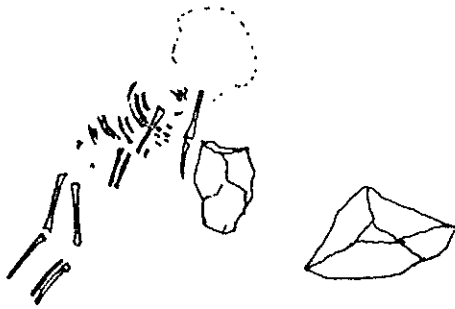
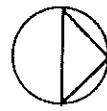


Q-4,5-6Q

SEP. 65

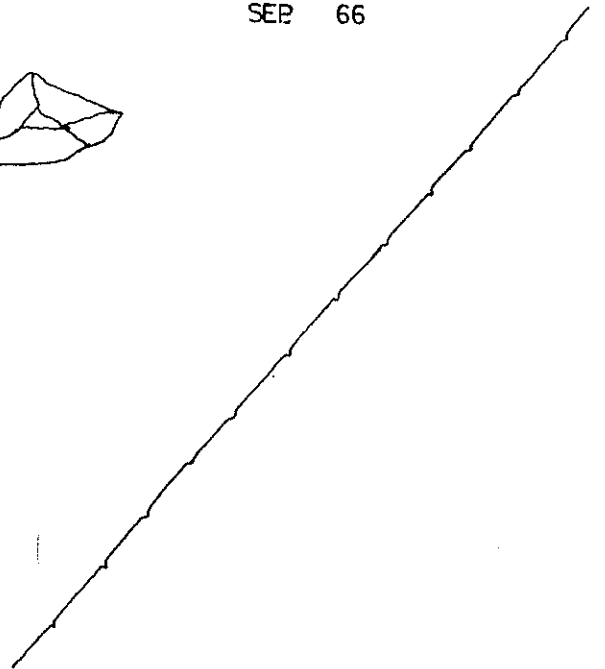


esc. 1:10

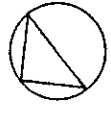
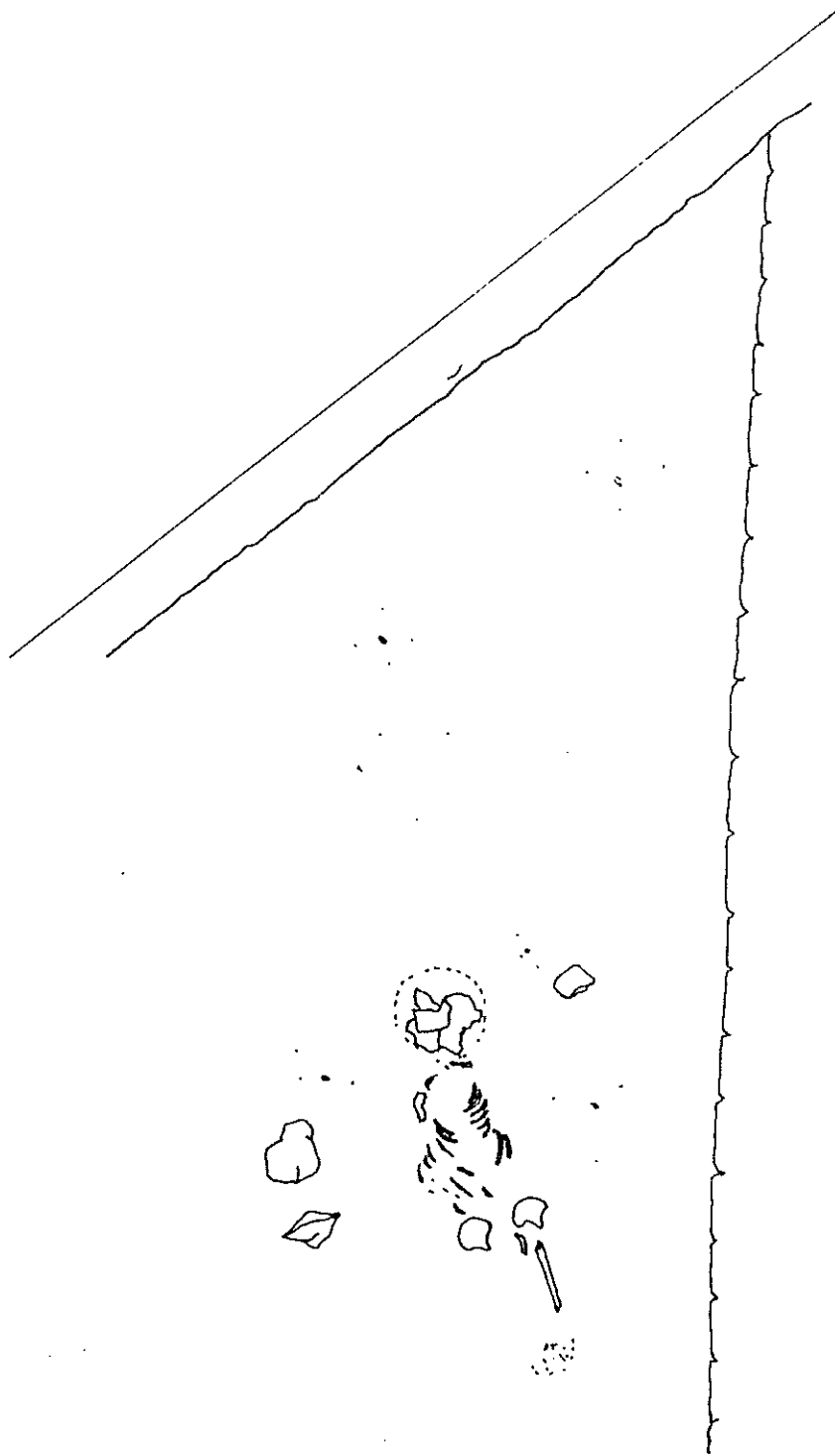


Q-45 e 6Q

SEP 66



esc. 1:10

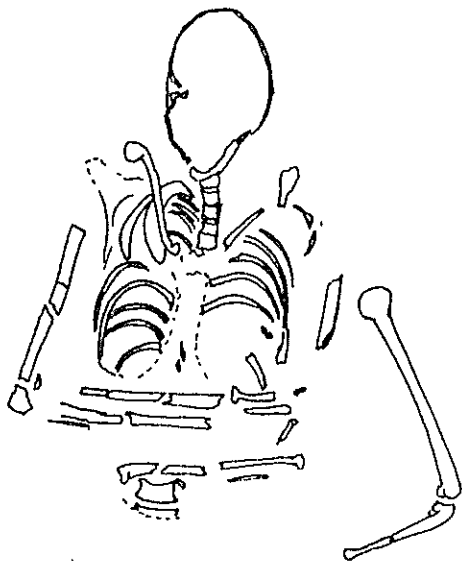


Q^a- 4,5 + 6Q

SEP 67



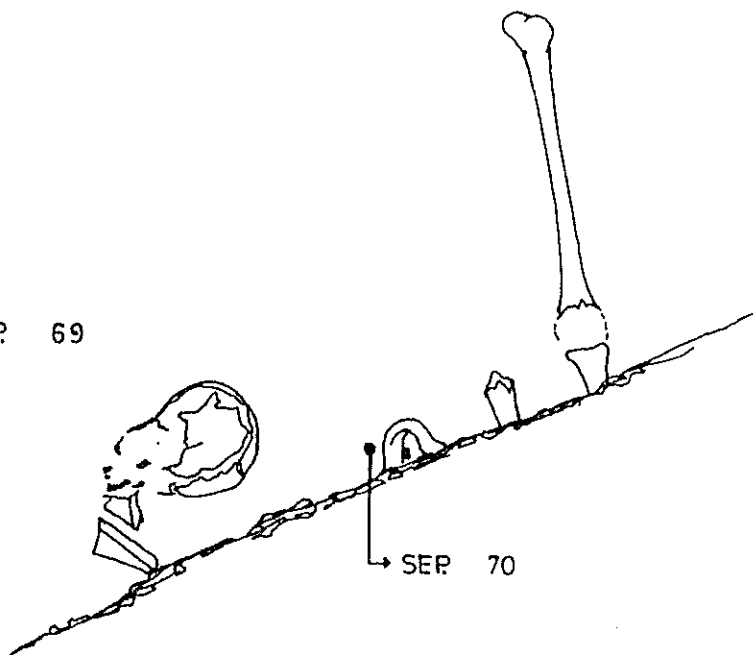
esc. 1:10



SER 62

Q-4,5,6Q

SER 69



SER 71

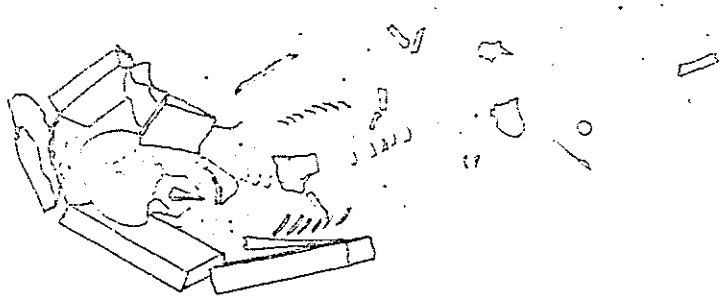
SER 70

0 10 20 30 40 50

esc. 1:10



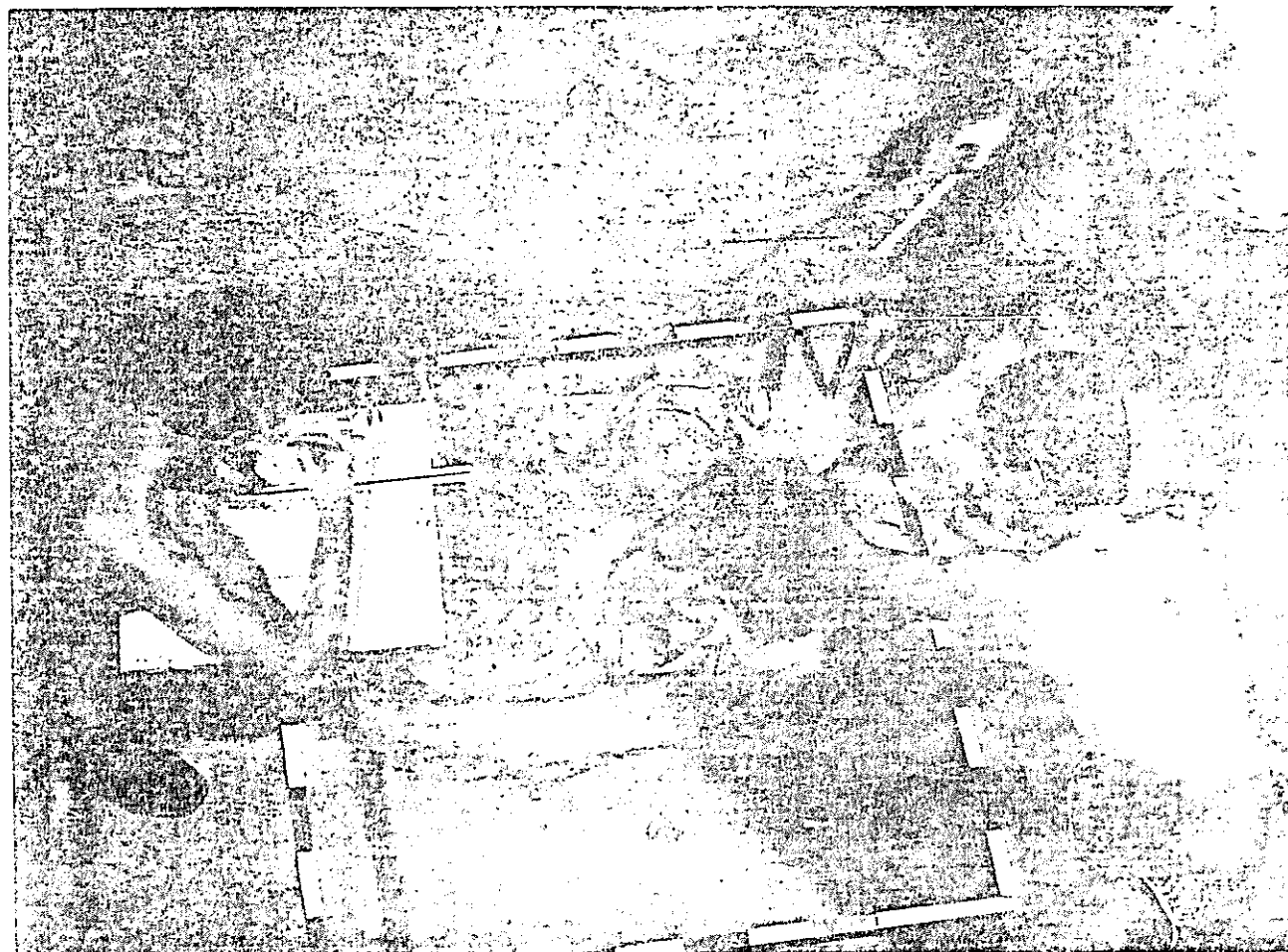
SEP. 4



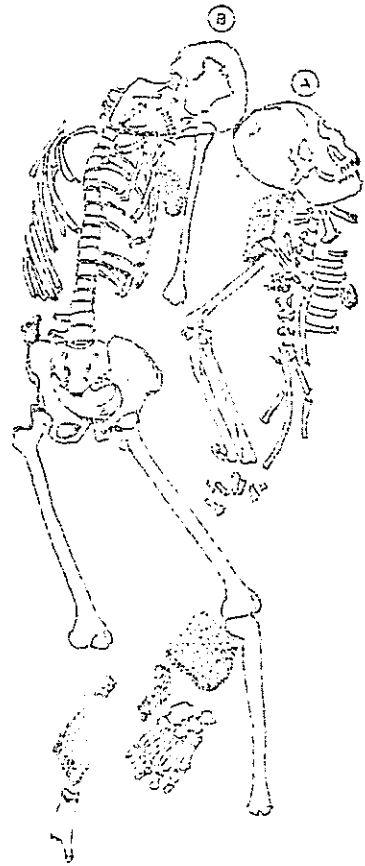
Alguns dos trabalhos dos esqueletos ou lo que deles resta e que se foram levantados. Além do mapa de localização (ver relatório de 1931) está a ser organizada uma carta geral da necrópole em que, cado um destes desenhos com as respectivas cotas, vai permitir uma noitura de conjunto.



Durante a campanha de 1932 terminou a escavação Galeria A, tendo ficado arenas 'in situ' alguns dos cpos que são importantes pela sua interdependência.



Devido à complexa relação existente entre cada um destes corpos, o solo da galeria, as paredes, as clara bóias e os outros corpos, o desenho reveste-se da maior minúcia.

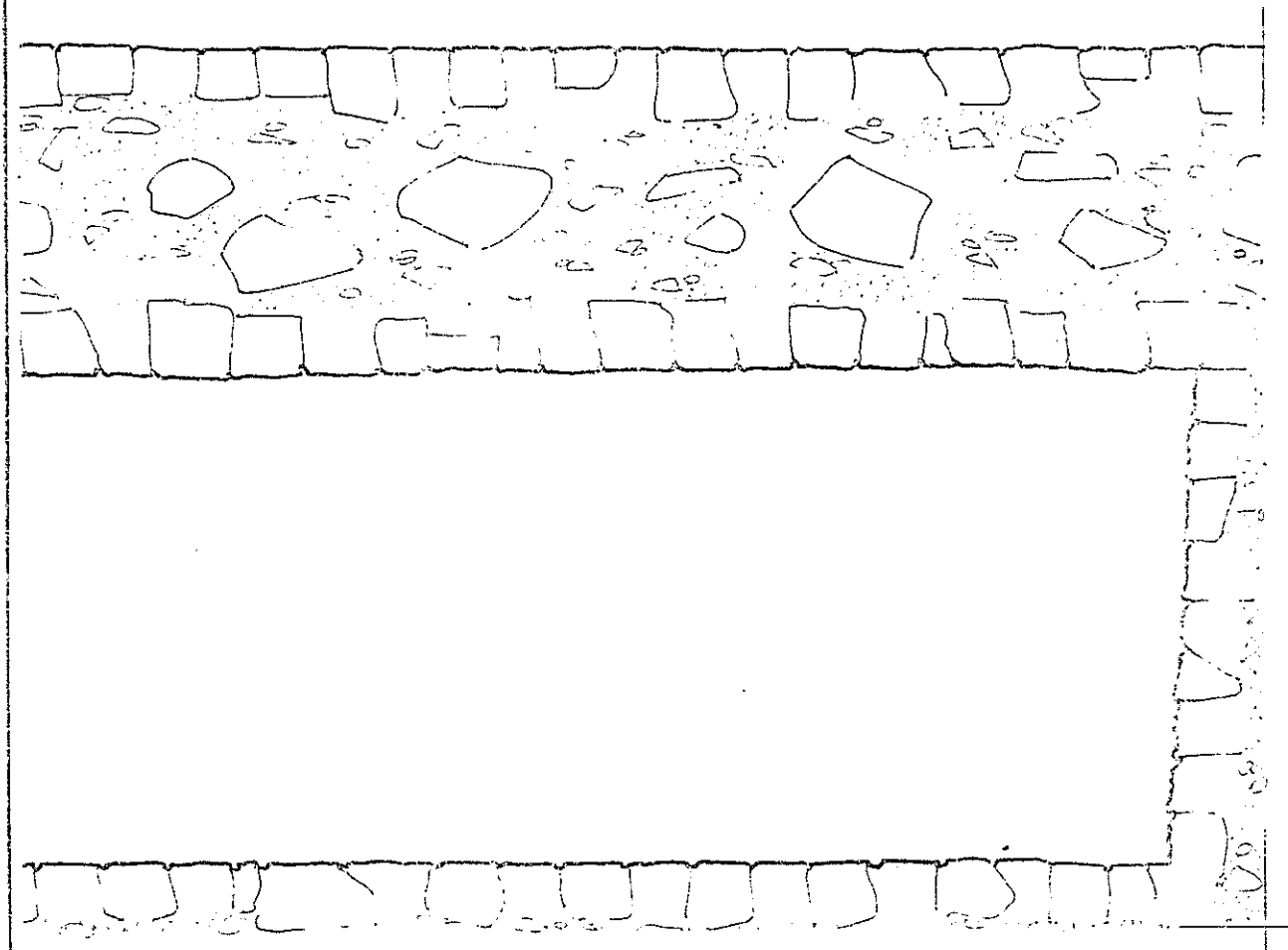


Grupos de corpos da Galeria A já levantados e em estudo pela equipa de geologia. Conjuntos 7, 8, 9 e 10.

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

QUADRÍCULA E
 CORPOS 9A, 9B
 ESCALA 1/10

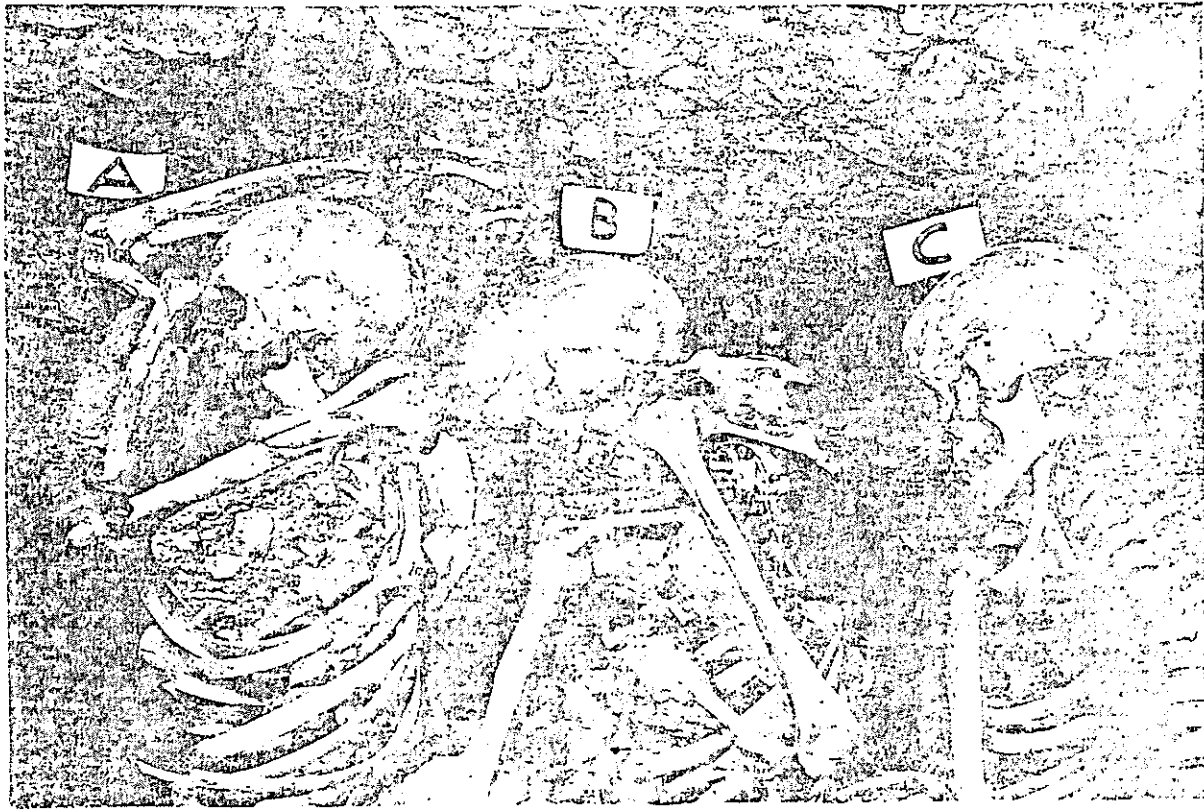
AGOSTO 1982
 DESENHO
 EDUARDO NEVES

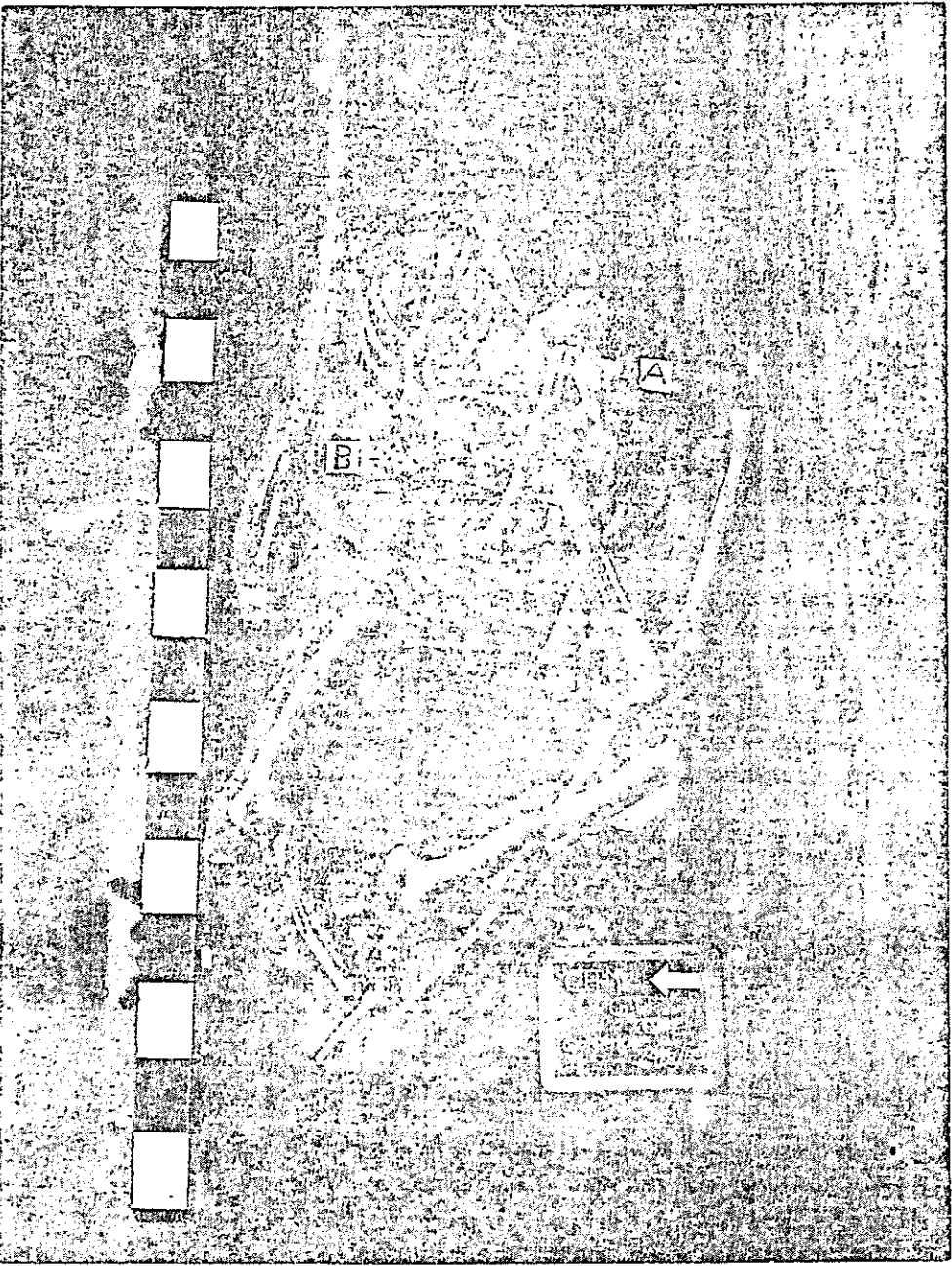


Planta da Galeria A, onde
camente estão a ser implanta
s os desenhos, a escala, dos c
ntos de corpos.

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTO LA

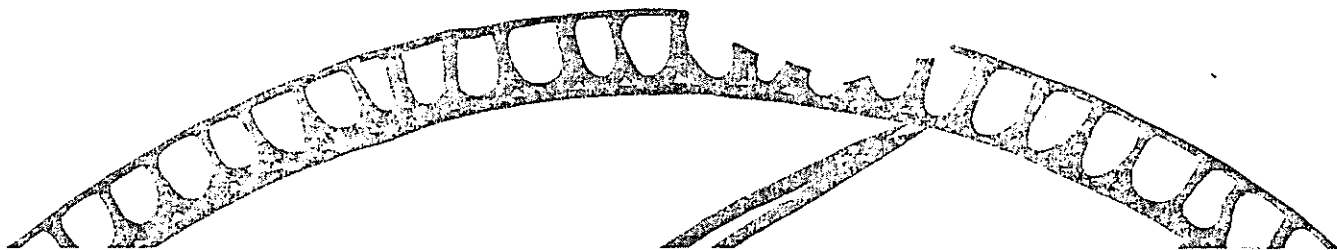
GALERIA A
ESCALA 1/30
AGOSTO /82







Grânio do corpo 7-3 onde se vê um golpe precedido
por objecto cortante e que pode fornecer importantíssi
mas informações sobre este conjunto de esqueletos.

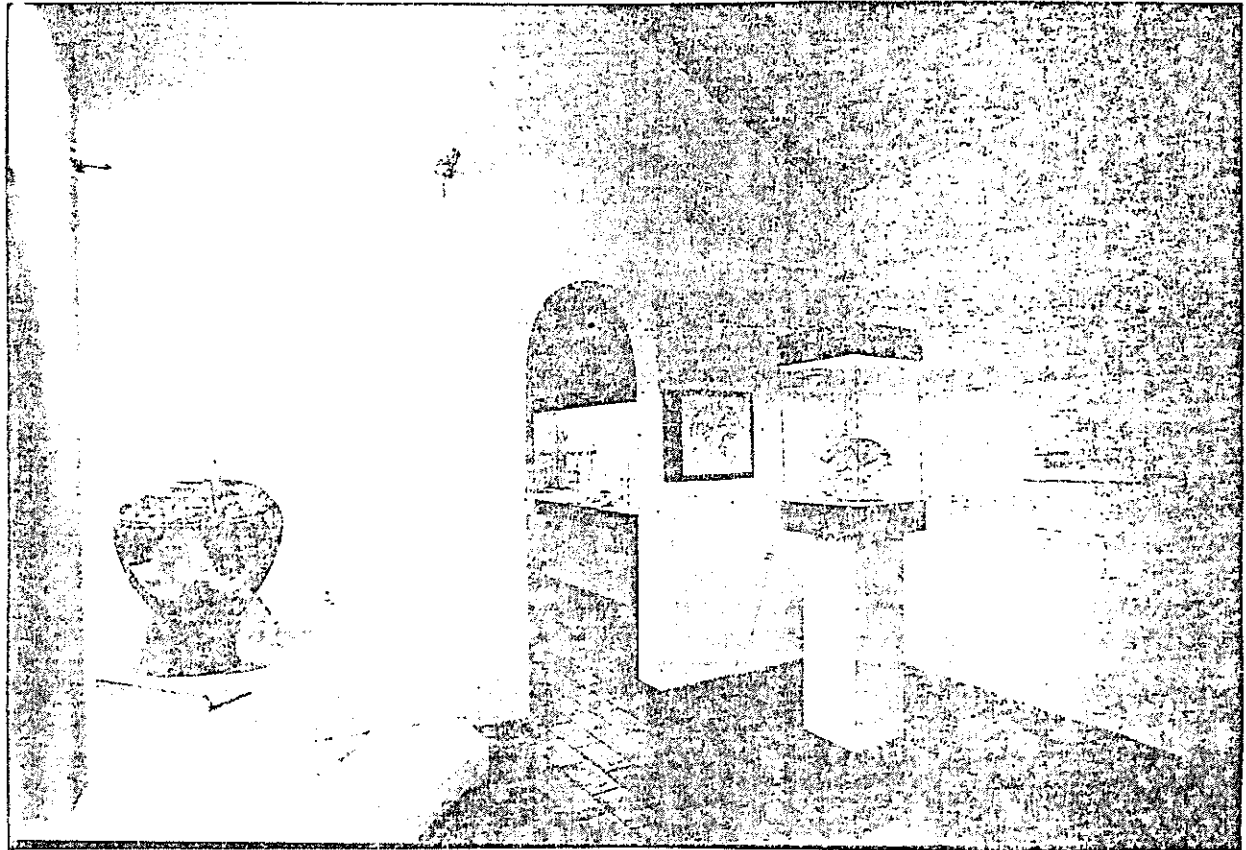


MÉRTOLA

1.ª EXPOSIÇÃO DO CAMPO ARQUEOLÓGICO I

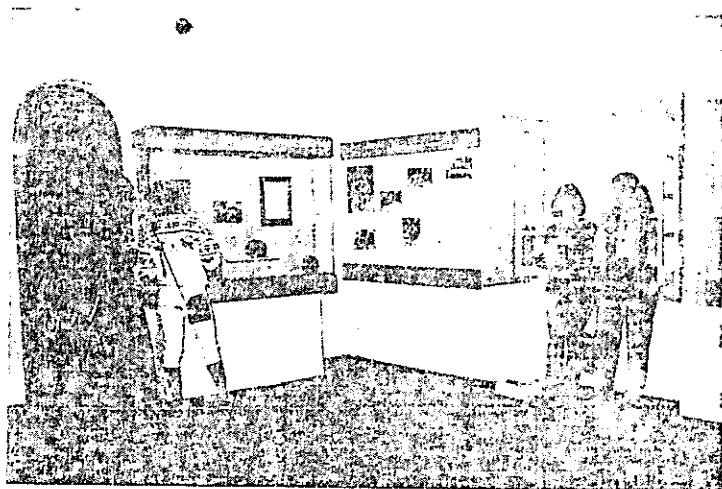
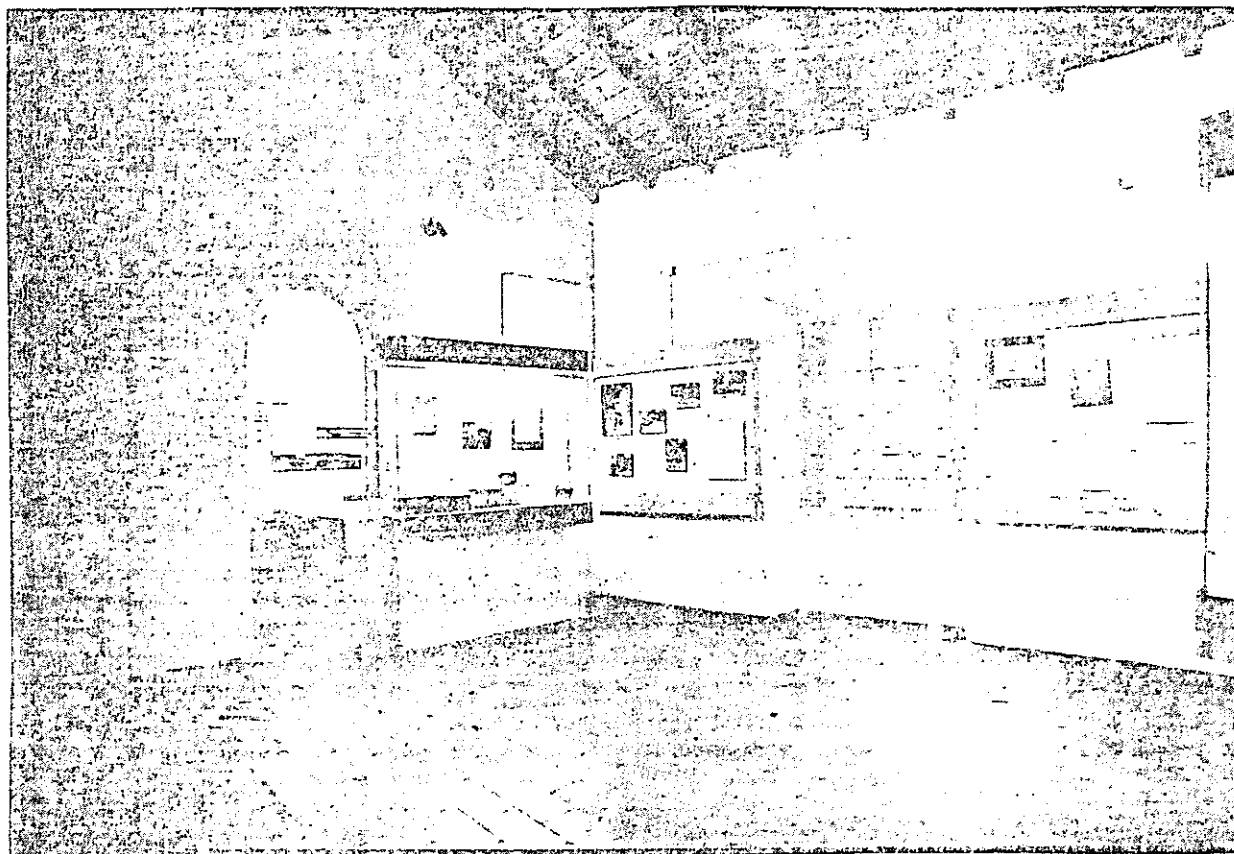
3 A 25 DE OUTUBRO 1982

CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA / Associação para a Defesa e Estudo do Património Nacional e Cultural

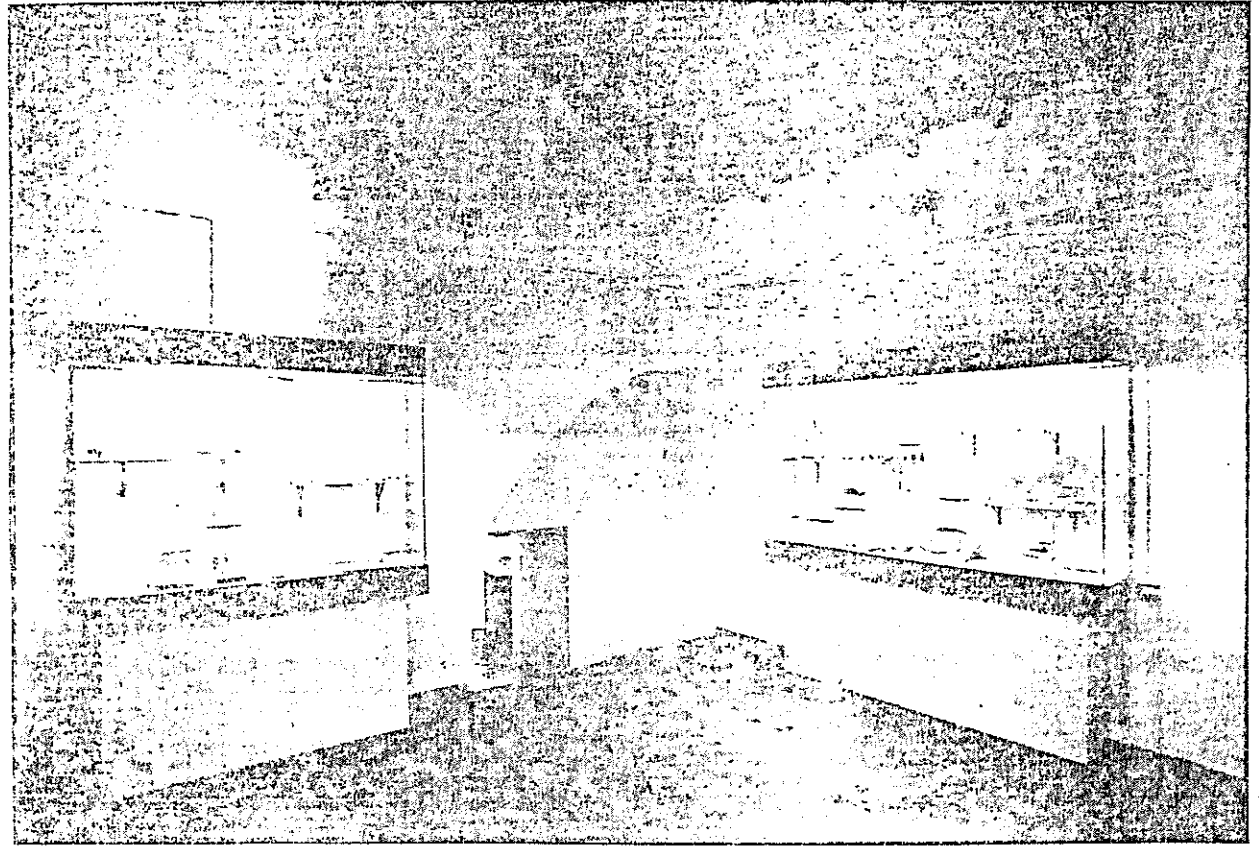


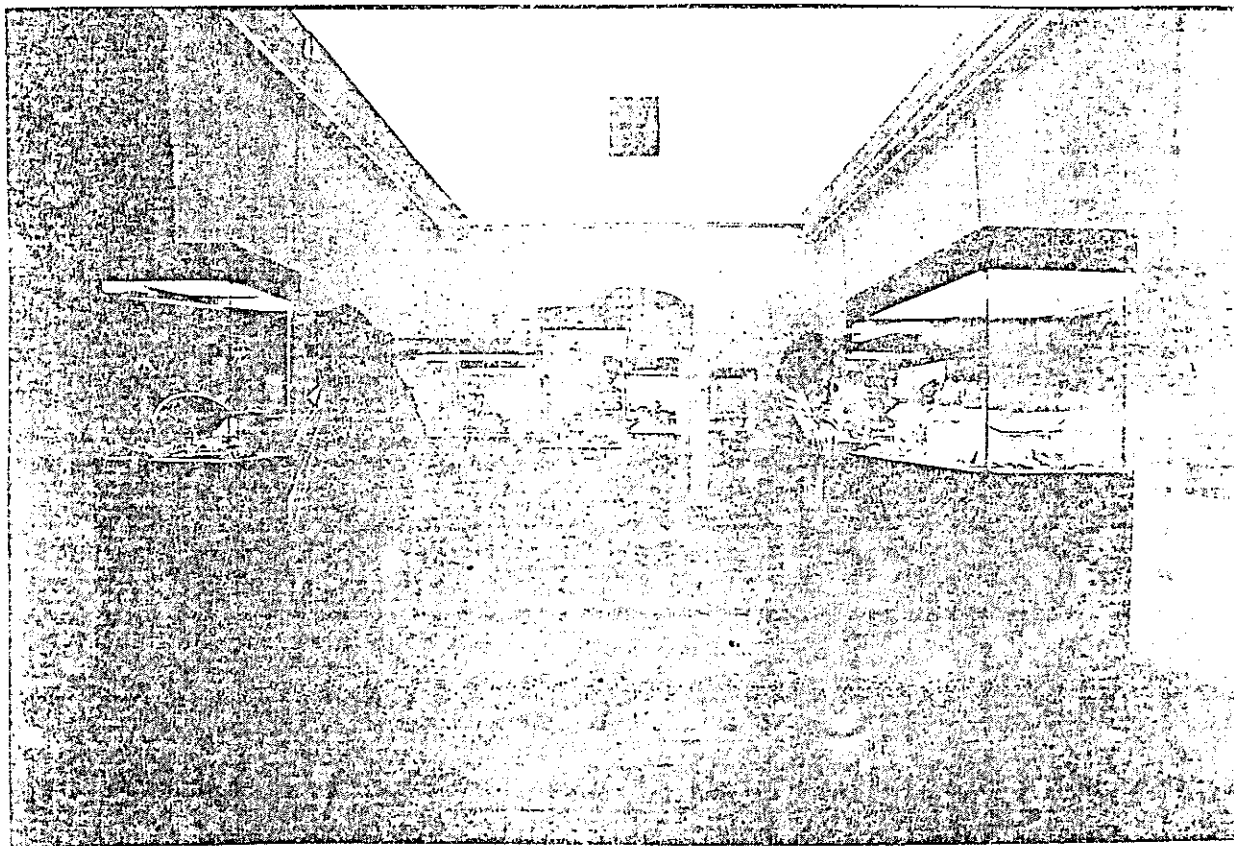
Sala de entrada.

Exposição de Outubro passado que representou o nos-
so primeiro relatório público à população da vila. Des-
de o restauro do edifício ao desenho e execução das vitri-
nas tudo passou pelo esforço das equipas do C.A.M.

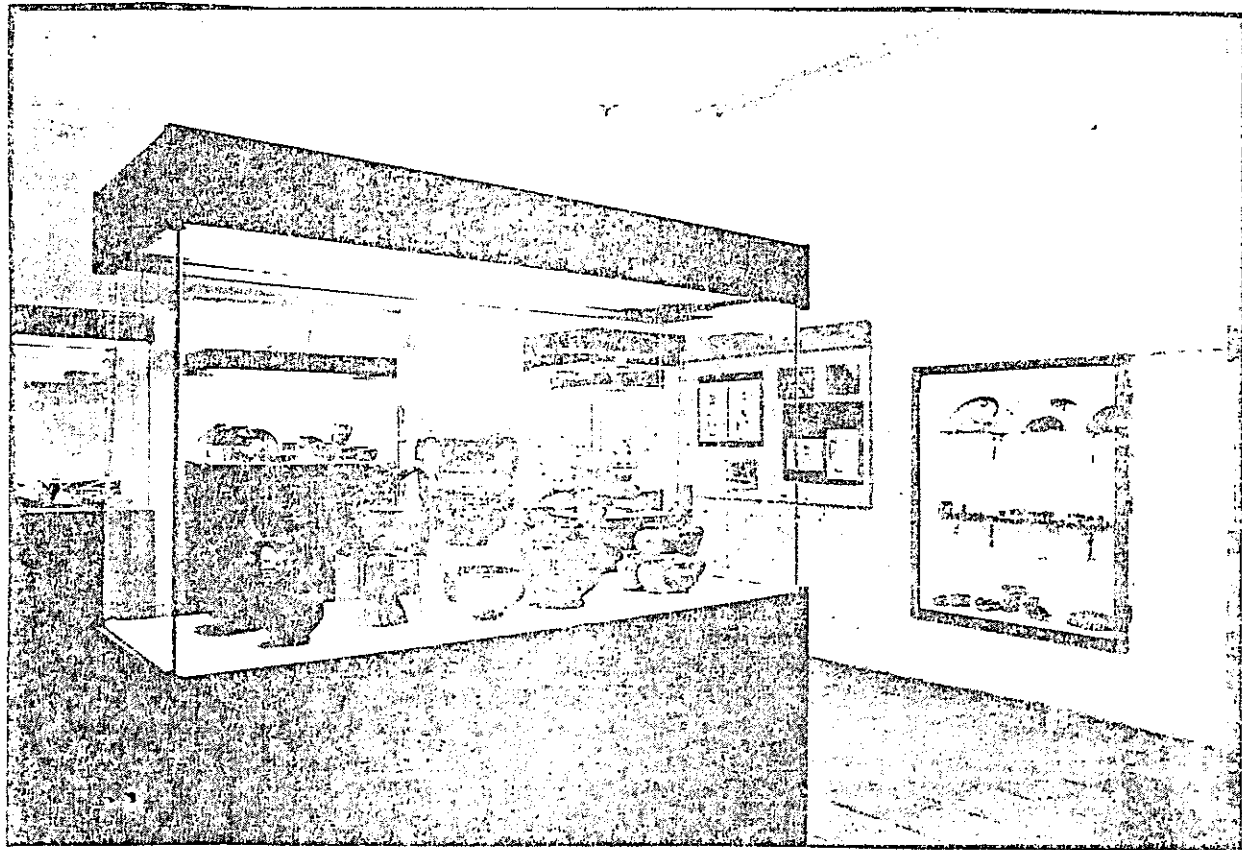


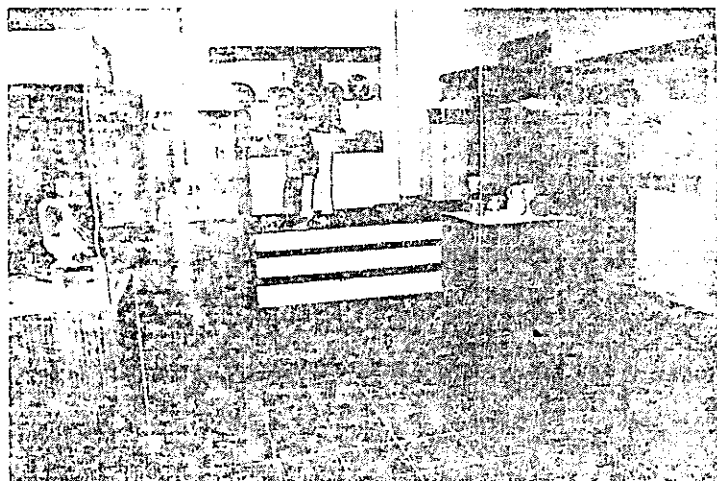
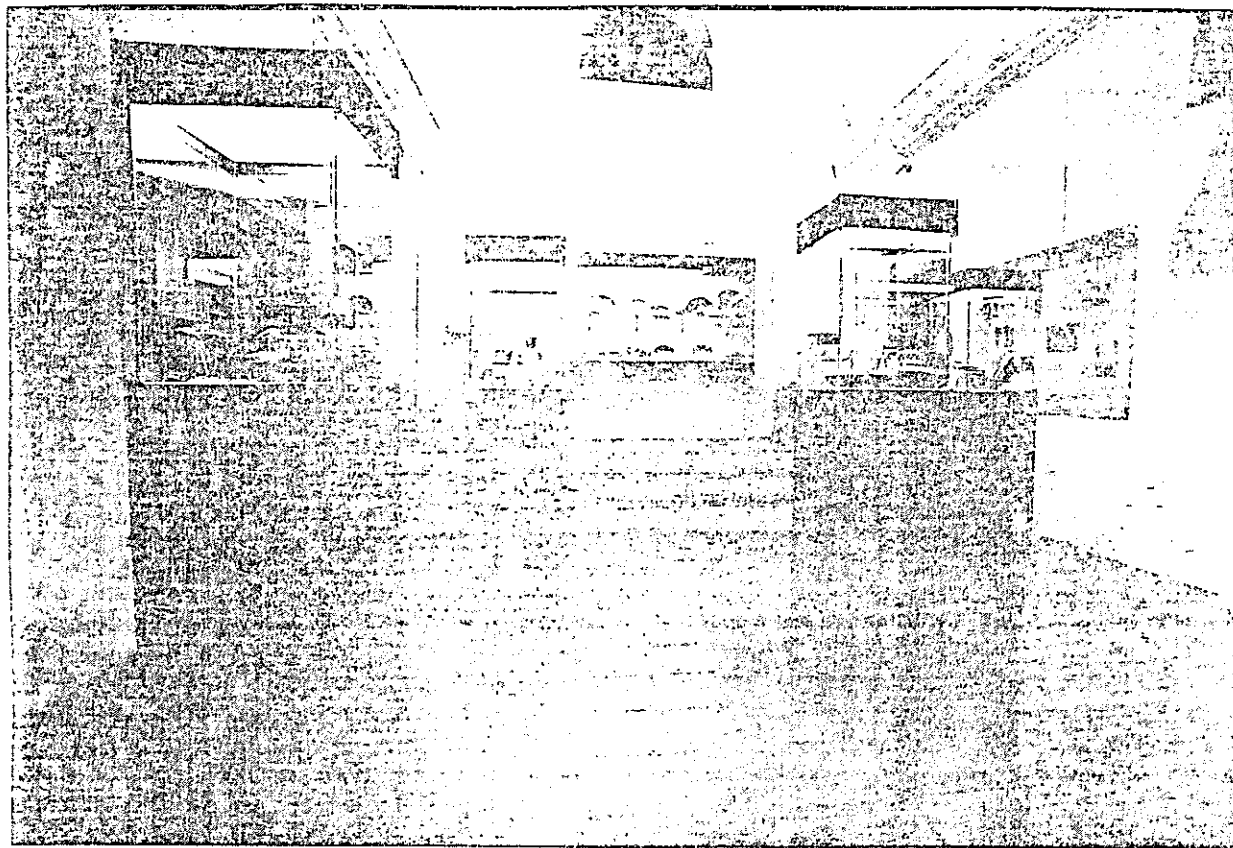
Sală centrală: vitrinas de obiecte de lemn, sticlă și metal

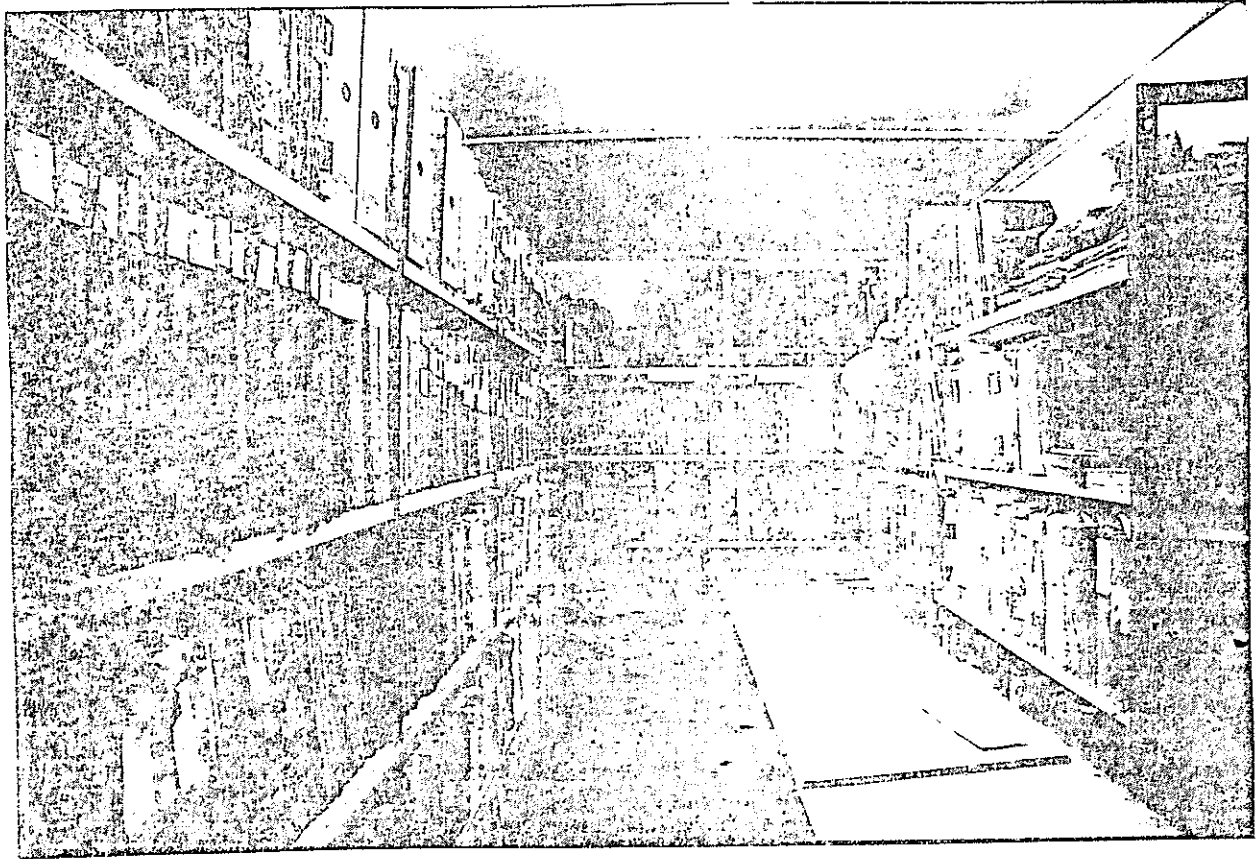




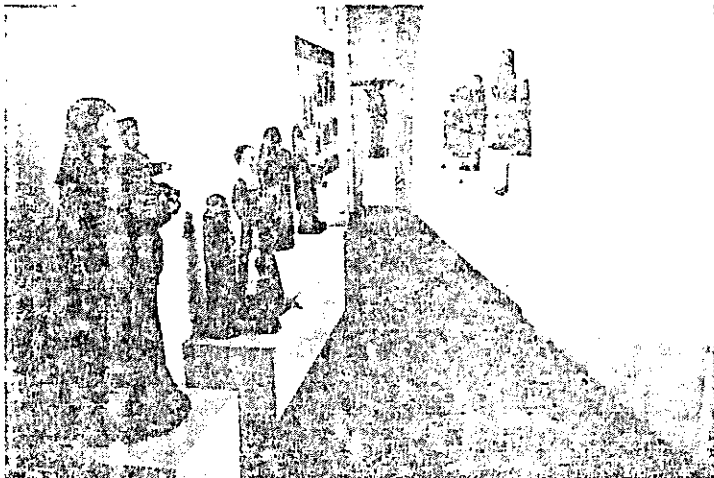
Nave da igreja da Misericórdia dedicada à cerâmica.





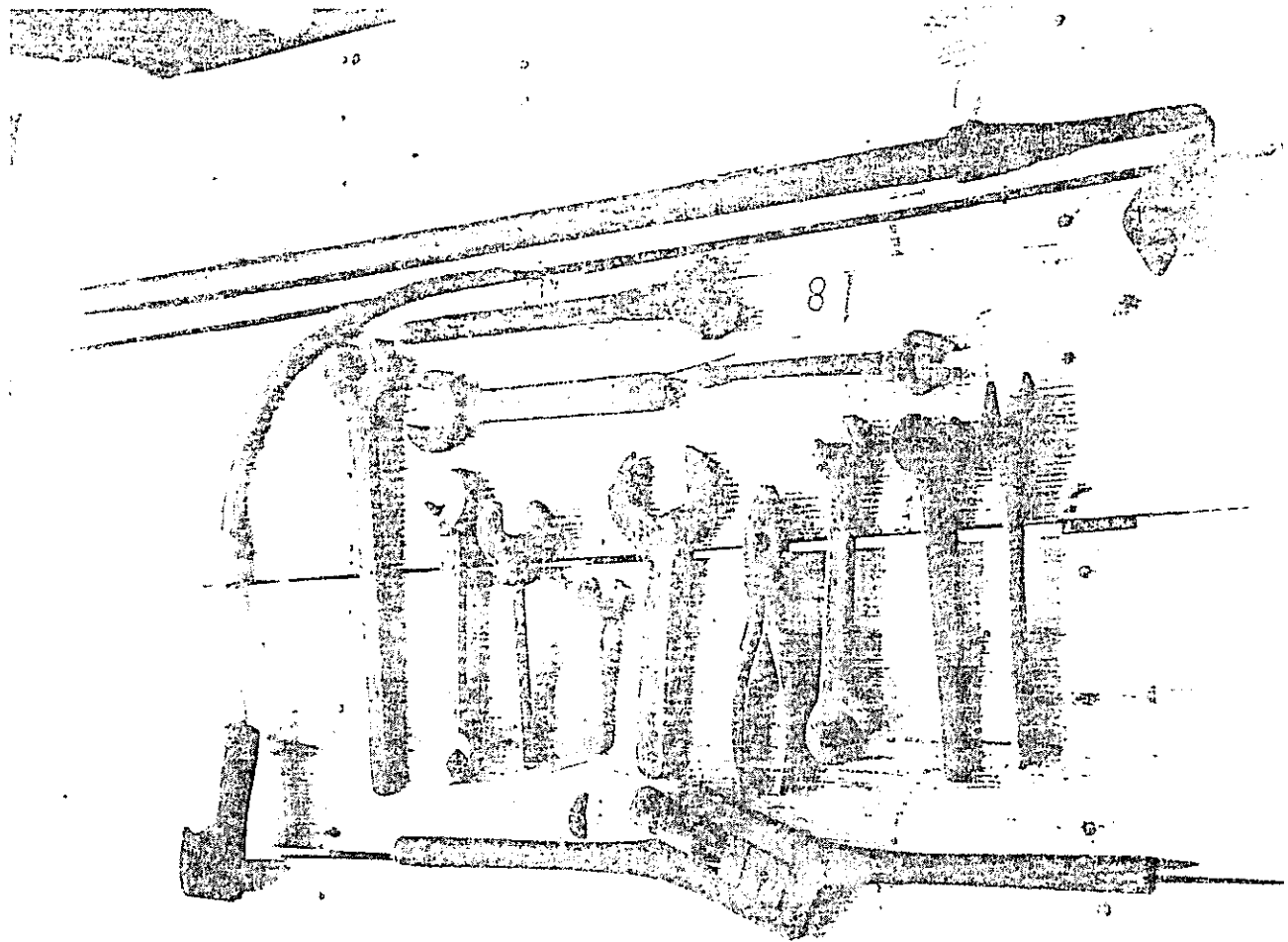


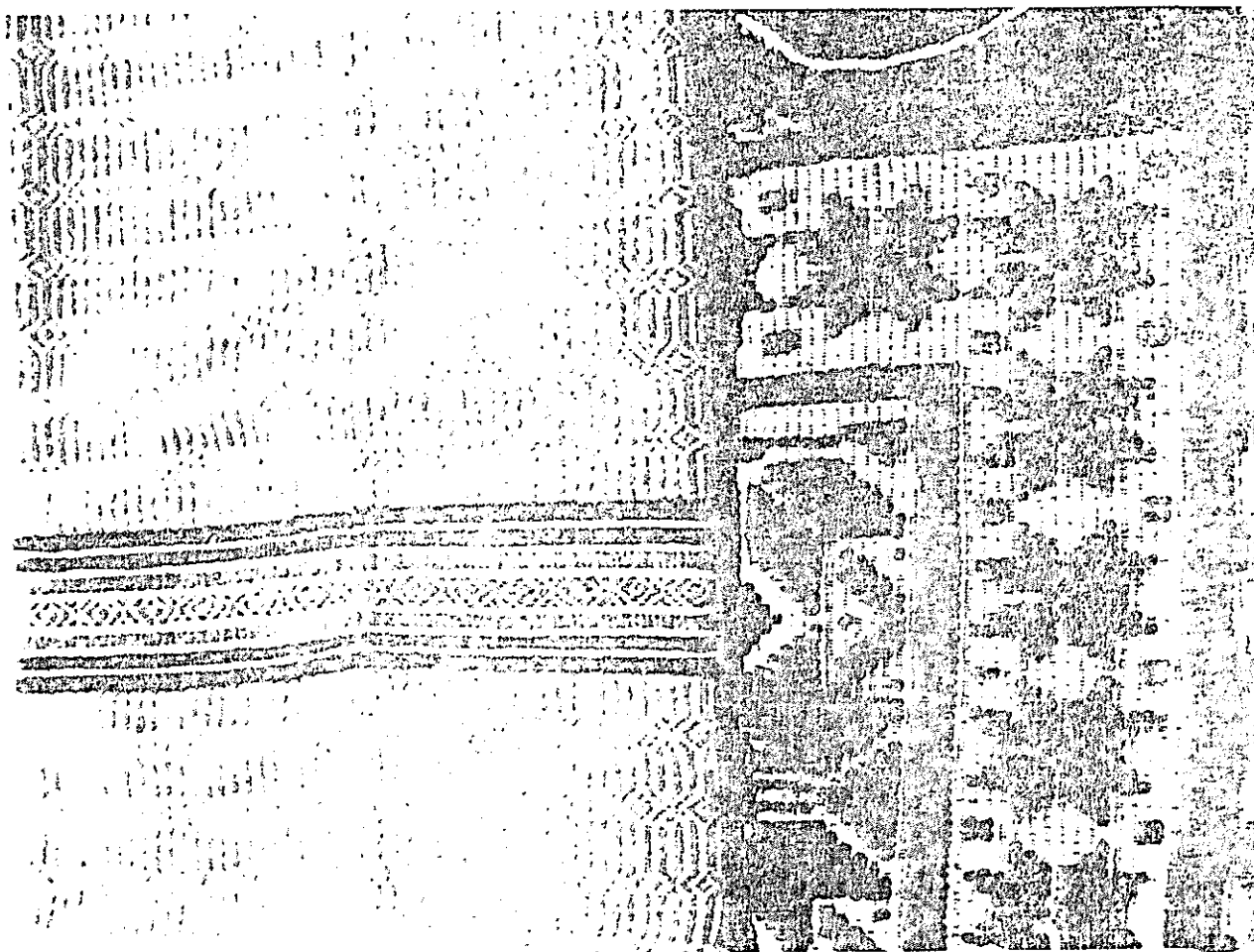
Anexo do museu onde está em organização e catalogação o arquivo histórico da Câmara Municipal e o da Misericórdia que engloba documentos desde o séc. XVII.



Secção de arte moderna. Arie foram expostos os métodos e resultados das operações de consolidação da estatística de madeira polícroma.

Operação desenvolvida durante o Verão de 1982 foi a limpeza, inventariação e estabilização das centenas de objectos e ferramentas que constituem o recheio da oficina do ferreiro, que, depois de obras nas paredes e no telhado voltou este ano a abrir ao público.





Por vista a reactivar o artesanato das mantas de lã
de região, foi concluída uma parte importante de inventa-
rio dos desenhos e dos motivos ornamentais.

FOTOGRAFIAS DE JORGE SWEIDO WALLEME, CLÁUDIO TORRES,
LUIZ PAVÃO E MARCELO PICARRA.
DESENHOS DE ANA LIRA, EDGAR NEVES E JOÃO ALVES.